



**Luís Henrique Gomes**

**A escrita da sócio-história da  
língua portuguesa no jornal Foia dos rocêro:  
uma edição conservadora**

**Pedro & João**  
editores

**A escrita da sócio-história da língua  
portuguesa no jornal *Foia dos rocêro*:  
uma edição conservadora**



**Pedro & João**  
editores



**Luís Henrique Gomes**

**A escrita da sócio-história da língua  
portuguesa no jornal *Foia dos rocêro*:  
uma edição conservadora**

**Copyright © Luís Henrique Gomes**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

---

Luís Henrique Gomes

**A escrita da sócio-história da língua portuguesa no jornal Foia dos rocêro: uma edição conservadora.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 201p.

**ISBN 978-65-5869-011-5**

1. Sócio-história da língua portuguesa. 2. Jornal Foia dos rocêro. 3. Edição conservadora. 4. Autor. I. Título.

CDD – 410

---

**Capa:** Felipe Roberto I Argila Design Editorial

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Editorial da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi Maia (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 - São Carlos – SP

2020

**Para Rosinha e Pró Sônia, hoje e sempre mestras**



***“A palavra é meu domínio sobre o mundo.”***

**Clarice Lispector**



## SUMÁRIO

1. Prefácio – “Apanha folha por folha, Tatamirô Maurício Souza Neto	11
2. Apresentação da edição – Um JORNÁ da Bahia	15
3. Critérios Seleccionados e Normas para Edição de Orientação Conservadora	23
4. Edição dos Editoriais e de Comunicações	25



## PREFÁCIO

### “Apanha folha por folha, Tatamirô”

Ao receber o convite informal para prefaciar este livro, aceitei com carinho e respeito. Quando recebi o convite formal, me dei conta da responsabilidade. Os estudos de Luís Gomes sobre a *Foia dos Rocêro* deram frutos em sua dissertação, no mestrado, e em sua tese, no doutorado. Um estudo profundo, cuidadoso e minucioso que aqui se encontra em forma de livro. Ao lembrar da sua defesa de mestrado, em 2009, e do sucesso que foi a defesa de sua tese, me pego sorrindo e a cantar um trecho da música de Vinícius de Moraes, na voz de Toquinho, que aqui virou título deste início de leitura.

Nas religiões de matriz africana, as folhas são elementos essenciais para manifestação de forças cósmicas, sem os quais não há cosmos, não há vida, não há história, não há nada. *Kò sí ewé, kò sí òrìsà*. Sem folha, não há orixá. E sem orixá, não há nada. Essa brincadeira que aqui proponho entre as folhas e as foia nada tem de piegas, muito menos de inocente, ou, pior, de devaneio. Assim como Tatamirô apanha folha por folha para aprender, para se fortalecer, para viver, para ajudar a dar vida e para ensinar, Luís Gomes apanha *Foia* por *Foia*, tira o sumo, nos banha e entoa cantigas mí(s)ticas que narram e nos ajudam a entender melhor a constituição histórica da língua portuguesa, a nossa história, a nós mesmos.

Utilizando-se dessa sabedoria ancestral e de ancestrais antes dele, como Serafim da Silva Neto, Joaquim Mattoso Câmara Júnior, Ivo Castro, Rosa Virgínia Mattos e Silva, Ilza Ribeiro, dentre muitos outros, Luís recorre aos procedimentos de uma edição conservadora de um jornal que circulava na Bahia entre os séculos XIX e XX, a *Foia dos Rocêro*, de autoria de Mario Paraguassu. A edição, com o nome sugere, tem o objetivo de manter o mais original possível a escrita, o que possibilita e facilita estudos das mais diversas áreas sobre esse objeto. No seu caso, para além de um estudo de cunho filológico e linguístico, Luís possibilita (possibilita porque não foi seu objetivo final, mas acaba,

ainda assim, por fazê-lo) um melhor entendimento da socio-história da língua portuguesa no Brasil, bem como uma tímida chance de ampliação da configuração político-linguística da língua portuguesa na Bahia nessa temporalidade. Ou seja, testemunho histórico e linguístico.

Ao nomear o jornal como *Foia dos Rocêro* Paraguassu reforça (não faz muita diferença saber se foi intencional ou não) uma identidade social e linguística. O que é uma atitude política. Dessa forma, ele nos aponta para uma incursão sociolinguística e política do termo. Falo sociolinguística não como uma área de conhecimento, mas como uma indissociabilidade da língua e da sociedade; dessa simbiose. Com o auxílio da edição conservadora, temos o testemunho linguístico de uma escrita enquanto decalque de oralidade, o que, em ambos os casos, nos revela o que Luís chamou em sua tese de “um flagrante do português brasileiro”, cuja normatização e constituição se inicia em período análogo.

Enquanto testemunho histórico, o jornal, nos revela a realidade social e política da época. Se as fontes apresentadas por Luís nos informam que o jornal, de forte cunho político, circulava somente quando não era apreendido, temos uma cartografia política da Bahia nesse período. Essa cartografia política nos auxilia a excogitar as implicações das condições de produção desse impresso, o que incide diretamente na estética da recepção.

Essas pequenas considerações feitas são mais que suficientes, a meu ver, para a leitura deste livro com atenção e astúcia. O trabalho feito por Luís Gomes não se limita às análises por ele, ou por mim aqui, brevemente, feitas. A edição da *Foia dos Rocêro* trazida neste livro é um presente para muitas áreas. É uma fonte de conhecimento para estudantes e estudiosos das ciências políticas, das ciências sociais, da comunicação, da filologia e ecdótica, da história, de letras e de muitas outras áreas que tenham comprometimento com o conhecimento e sua difusão.

Escrever a história, escrever e transformar o ser humano e seus feitos. Um ofício datado de longas datas e que nos encontra aqui neste livro, de maneira tímida, mas matizante. Voltando ao tom do início, esta edição é um ritual de *bori*; é uma forma de alimentar nossa cabeça.

**A escrita da sócio-história da língua portuguesa no jornal Foia dos**

**Rocêro: uma edição conservadora** por um lado, põe sob nossa esteira a *Foia dos Rocêro*, por outro, serve sobre a mesma esteira história, língua, história da língua portuguesa e a língua portuguesa na história. Bom apetite, boa leitura, bom descanso.

Mauricio Souza Neto

REPENSE – Rede de Pesquisadores Negres de Estudos da Linguagem



## APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO

### Um JORNÁ da Bahia

A tarefa de constituição de corpora diversificados para o estudo do português brasileiro, principalmente em suas variedades populares, tem sido árdua para os grupos de pesquisa que integram o projeto nacional PHPB - Para a história do português brasileiro. Como bem informa Mattos e Silva (2004), no texto *Para a história do português brasileiro*, desde 1997 o referido projeto nacional desbrava os arquivos do Brasil, no intuito de descobrir mistérios e segredos que possam fornecer dados para a compreensão do processo de constituição e mudança afetos ao português brasileiro. Portanto, torna-se cada vez mais apropriada a realização de edições consistentes e fidedignas que possibilitem análises linguísticas confiáveis. Assim, a edição da Foia dos Rocêro se insere nessa perspectiva.

A Foia dos Rocêro foi um periódico de cunho jornalístico que circulou na Bahia entre o final do século XIX e meados do século XX. Trata-se de uma coleção documental bastante peculiar, que se encontra arquivada no Museu da ABI - Associação Baiana de Imprensa - instituição situada no Centro Histórico de Salvador, precisamente na Praça da Sé.

Tem-se notícias de que exemplares avulsos encontram-se disponíveis na Fundação Clemente Mariani, situada no bairro do Comércio, em Salvador, contudo, durante uma visita à referida instituição, os exemplares não foram localizados pelos funcionários da biblioteca. Do acervo da ABI, procurou-se selecionar um conjunto de exemplares do ano de 1900, considerando que o arquivo possui todos os exemplares que circularam aos domingos do último ano do século XIX. Mas o que apresenta de especial esse material, que possa representar interesse para a comunidade lingüística?

A Foia dos Rocêro era escrita numa linguagem bastante original. O texto, impresso em folhas dobradas em dois, amareladas pelo tempo e corroídas pelas traças, supostamente apresenta a

caracterização da fala de habitantes de áreas rurais baianas do século XIX. O jornal, inicialmente, propõe-se a ser o *Orgo oficiá da roça e do partido do dezingrossa*, demonstrando intenção, obviamente, política. A camuflagem possibilitada pela escolha desse tipo de linguagem e a utilização freqüente de metáforas e pseudônimos foram os artifícios manejados por uma grupo da capital da Província da Bahia para: a) apresentar críticas aos governantes e às condições da Província; b) veicular notícias de localidades afastadas como, por exemplo, o Recôncavo Baiano, e c) contar histórias e anedotas que circulavam na capital baiana. Naquela época, Salvador já havia perdido o prestígio de sede do governo brasileiro, tendo dado lugar ao Rio de Janeiro.

Em Apontamentos para a história da imprensa na Bahia, artigo escrito e publicado por Antônio Loureiro de Souza (1972), encontra-se que a Foia foi redigida por Mário Paraguassu, que direcionava suas críticas, em forma de “linguagem tabaroa”, como salienta Loureiro, a políticos da Província da Bahia. Por ocasião da Revolução de 1930, Mário Paraguassu foi preso por dirigir críticas acirradas aos revolucionários, consoante Souza (1972). Logo, percebe-se que o perfil sócio-econômico do redator-chefe era de uma pessoa escolarizada e participante das manifestações políticas de sua época, além de, naturalmente, ser um indivíduo com acesso a recursos financeiros, não apresentando, assim, o perfil de uma pessoa não-escolarizada, falante de uma modalidade popular do português.

Numa pesquisa mais apurada em livros que retratam a história da velha *Cidade da Bahia*, encontram-se informações bastante relevantes para ratificar a hipótese de que Mário Paraguassu tenha sido um usuário de uma variante culta do Português Brasileiro oitocentista. A principal informação sobre Mário Paraguassu e seu jornal pode ser observada a partir do excerto extraído de Leal (1996), que conta histórias e descreve lugares da antiga Salvador, retratando com muita veemência e saudosismo muitos relatos recolhidos por soteropolitanos dos inícios do século XIX. Conquanto, para ratificar a veracidade dos fatos e não cair em contos urbanos que recaem *de boca em boca*, Leal (1996) utiliza o seguinte critério:

Para informarmos sobre esses eventos, procuramos arquivos, bibliotecas, livros, velhos jornais, fotografias antigas. Consultamos um

número considerável de pessoas que viveram em Salvador, exercendo diversas profissões, e que nos acolheram alegremente, corrigindo e acertando fatos. Voltamos a muitos lugares, estivemos como protagonistas dos acontecimentos entre os anos de 1920 a 1960 e fomos reconstruindo os episódios. Indagamos, não induzimos nada, e certos eventos só foram concluídos quando pelo menos duas pessoas diferentes fizeram referências iguais. (grifo meu)

Portanto, pode-se inferir que, apesar de serem relatos orais sobre a vida, o cotidiano urbano, os costumes, a moda e lugares da cidade do Salvador no segundo decênio do século XX, tratam-se de informações confiáveis para a caracterização do redator proprietário Mário Paraguassu que, nos primeiros exemplares do referido periódico, se apresentava sobre a alcunha de *Coroné Zé Perêra Capa Bode*.

Retornando ao ponto mais interessante para esse trabalho, Leal (1996) afirma que Mário Paraguassu era um jornalista da época, fato que, seguramente, caracteriza o proprietário do jornal como falante de culto na época e que, por detrás do codinome *Capa Bode*, escrevendo à moda dos homens do campo, o editor criticava os erros das variantes populares do português brasileiro nos finais do século XIX e inícios do século XX, conforme o trecho abaixo:

Também era lido pela turma um jornalzinho, que, quando não apreendiam, a edição circulava. Era a “Foia dos Rocero”, do jornalista Mário Paraguassu, que criticava os erros na base dos escrachos, (grifo meu) como o povo gostava. A coluna principal era a conversa de dois caipiras que criticavam as marmeladas. Jornalzinho do princípio do século, e sua coluna principal era o “Imberrê Cumpade”, um diálogo entre dois tabaréus, sempre iniciado assim:

- Imberrê Cumpade!
- - Cum que Home?

Daí em diante o diálogo prosseguia com os relatos dos fatos escabosos na linguagem caipira. “A Foia dos Rocero” não ficou esquecido de ninguém que viveu naquela época.

Assim, o que se pode constatar a partir desse trecho de Leal (1996), além da conclusão a respeito das sátiras ao linguajar caipira? Muitas coisas.

A primeira delas é que o jornalzinho era lido por uma certa turma, o que nos permite traçar uma base do público leitor desse periódico. Segundo o próprio Leal (1996) essa turma era composta por alunos de escolas renomadas como o Colégio Olímpio Cruz (situado na época na Rua Direita de Santo Antônio, número 08, em frente a Cruz do Paschoal), o Colégio Góes Calmon (situado na mesma rua), o Colégio Jacinto Caraúna (no Largo do Barbalho), entre outras instituições de ensino que atendiam os filhos das classes média e média-alta soteropolitanas. Entre diversos nomes citados por Leal (1996), encontra-se fazendo parte da turma o nome do cantor e compositor Dorival Caymmi.

Um outro aspecto que deve ser levado em conta é que o referido jornal era censurado frequentemente, pois o autor ressalva que o jornalzinho era lido quando não havia apreensão, na certa a mando de alguma figura da elite que fora alvo das críticas acirradas em linguagem caipira, como o próprio Leal afirma, ou seja, ele afirma que o jornal se baseava no protótipo de uma determinada variante caipira da Bahia dos inícios do século XX.

Por fim, percebe-se que o alcance do público atingido pelo periódico era muito vasto, pois há no trecho acima a afirmação que, embora bastante saudosista, o jornalzinho jamais ficou esquecido por alguém que viveu naquela época.

Outra informação bastante importante fornecida por Leal (1996) é nome da gráfica, a localização e as pessoas que frequentavam essa gráfica onde era impressa a *Foia dos Rocêro*:

A Gráfica Moderna, em Salvador, ficou na lembrança dos antigos moradores. Originária do velho Diomedes Gramacho, fotógrafo da Lindermam, depois proprietário e fundador da Revista Renascença, editor do “Jornal do Comércio” e de “O Dia”. Seus filhos Delor e Descartes Gramacho assumiram os trabalhos na Ladeira do Pelourinho, 24.

Os jornais de modinha que circulavam nas ruas eram vendidos por “Cigarras ambulantes”. Foram criações da empresa, que também imprimia “Foia do Rocêro”, de Mário Paraguassu e “A Garra” de Arsênio Cruz. Ambos pequenos, porém “Venenosos”, ao gosto do povo, porque criticavam os desmandos. Cuica de Santo Amaro, Galdino Silva, Permínio Walter Lírio (poetas de cordel) eram clientes daquela casa.

Como se pode observar no trecho acima, a Gráfica Moderna era o local no qual se imprimia grandes periódicos da época e era frequentado por pessoas ilustres, ou seja, prováveis falantes de uma modalidade culta da língua. Além desses periódicos se imprimia cartilhas de ABC distribuídas nas escolas de Salvador e das regiões mais próximas.

Ainda se constata que, ratificando a citação anterior a essa, as criações eram bastante “Venenosas”, fato que justificaria a apreensão de alguns exemplares, caso tocasse nas feridas de homens poderosos, pois a *Foia* ‘criticava os desmandos’.

A circulação da *Foia* era executada por “Cigarras ambulantes”, que, provavelmente, tem relação com os *minino qui merca nas rua*, que será melhor abordado na seção posterior. Retomando a questão dos frequentadores da referida tipografia, eles eram figuras de referência para sociedade baiana da época. Entre eles destaca-se a figura do Major Cosme de Farias, jornalista e político baiano, atuava em casos no Tribunal de Júri do estado, e exerceu grande influência na população carente da época, se elegendo, com grande frequência, para os cargos de vereador e de deputado estadual.

Logo, sem sombra de dúvidas e por via do que foi exposto e detalhado acima, com base nas informações de Leal (1996), pode-se concluir que a *Foia dos Rocêro* era lida pelas classes média e média-alta de Salvador, com um público fiel de estudantes ginasiais. Essa constatação se deve às referências de escolas, bairros nos quais esse estrato social circulava na época. Quanto ao Jornalista Mário Paraguassu, principal ‘cabeça’ desse periódico, torna-se oportuno concluir que ele foi do mesmo estrato social dessa comunidade. Então é conveniente afirmar que a *Foia dos Rocêro* sempre foi um jornal satírico, que se esconde por via das variantes rurais da Bahia, caracterizada sob os olhos da classe média soteropolitana.

Ao observar a coluna intitulada *Trato dos Interece da Foia*, constata-se que a sua distribuição estava articulada de acordo com esse esquema proposto acima. Cada região possuía uma espécie de sucursal, com um vendedor regional responsável pela vendagem e gerenciamento das assinaturas, por exemplo: em Cachoeira do Paraguassu, cidade do Recôncavo Baiano, o responsável era o Sr. Genezo Pitanga; em São Felix, Amanço Braga; na Capela de Santo Antônio, Virgulino Basto etc. Além disso, poderia se encontrar a *Foia dos Rocêro, nas mão dos minino qui merca nas rua*. Tudo isso se processava perante a seguinte condição: “*A Foia dos Rocêro*” *na mão e o dinheiro na outra; negócio é negócio amigos a parte*.

Um obra excepcional sobre a socio-história desse jornal foi publicada pela pesquisadora Neuma Augusta Dantas e Silva, intitulada *Foia dos Rocêro: crítica política e humor na imprensa baiana do século XIX*, publicada pela Editora da UFRB em 2017. Em sua pesquisa, a autora faz um aprofundamento, detalhamento e inserção do folhetim na cultura, política e sociedade na Bahia do século XIX através da análise desse folhetim no contexto do jornalismo humorístico.

Assim, a *Foia dos Rocêro* surgiu em meio ao comércio da Ladeira do Taboão, para as pessoas que conviviam em uma capital de uma província, pessoas que formavam a nova classe emergente do império brasileiro, servindo de instrumento de contestação.

Pretendo para este livro apresentar a edição de orientação conservadora dos Editoriais, que circularam na *Foia dos Rocêro* no ano de 1900, possibilitando um melhor acesso de pesquisadores linguístas, historiadores e sociólogos a partes desse saboroso folhetim político-humorístico.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Marinalva. *História cultural da imprensa: Brasil – 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia*. São Paulo: Jorge Zahar, 2004.
- LEAL, Geraldo da Costa. *Pergunte ao seu avô... Histórias de Salvador. Cidade da Bahia*. Salvador, 1996.

LOBO, Tânia Conceição Freire. *Para uma sociolingüística hist. do português no Brasil - edição filológica e análise lingüística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia*. V.2. II. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP). Tese de doutorado, 2001.

BARBOSA, Afrânio e LOPES, Célia (orgs.). *Críticas, queixumes e bajulações na imprensa brasileira do século XIX: cartas de leitores*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-graduação em Letras Vernáculas: FAPERJ, 2006.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para a sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. *O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo: Parábola, 2006.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Sobre o 'Programa para a História da Língua Portuguesa' (PROHPOR) e sua inserção no projeto nacional 'Para a História do Português Brasileiro' (PHPB). In: RONCARATI, Cláudia e ABRAÇADO, Jussara (Org.). *Português Brasileiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 30- 8.

PACÍFICO BARBOSA, Socorro de Fátima. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

RIBEIRO, Ilza. *Quais as faces do português culto brasileiro?* In: ALKMIM, Tânia Maria. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. Novos estudos. v.3. São Paulo: Humanitas, 2002. p. 359-382.

SILVA, Neuma Augusta Dantas e. *Foia dos Rocôro: crítica política e humor na imprensa baiana do século XIX*. Cruz das Almas: Editora da UFRB, 2017.

SODRÉ, Nelson W. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Mauad, 1999.

SOUZA, Antônio Loureiro. *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. 1972.



## CRITÉRIOS SELECIONADOS E NORMAS PARA EDIÇÃO DE ORIENTAÇÃO CONSERVADORA

Para a edição do material selecionado, seguiram-se as orientações conservadoras do II Seminário para história do português brasileiro, realizado em Campos do Jordão, em 1998, sintetizadas nas normas das edições das *Cartas de Leitores – Críticas, Queixumes e Bajulações na Imprensa Brasileira do Século XIX* (BARBOSA E LOPES, 2006).

As normas de edição das cartas de leitores apresentam um conjunto de critérios e normas específicos para a transcrição de periódicos do século XIX, sem privilegiar o *layout* dos jornais, mas preservando ao máximo as características linguísticas de cada texto.

Os critérios do PHPB se aproximam ao máximo do que a filologia tradicional nomeia de edição semidiplomática, conservando fielmente as características linguísticas do texto, no entanto, adotaremos a nomenclatura utilizada por Barbosa e Lopes (2006): **edição de orientação conservadora**, por estarmos seguindo fielmente os critérios de edição adotados para impressos no PHPB. Também escolhemos para editar as colunas a fonte *Times New Roman*, pois não há nenhuma fonte específica exigida pelo conjunto de critérios.

Assim, as colunas selecionadas, do Domínio Discursivo Jornalístico (Editorial) e Domínio Discursivos de Comunicações Interpessoais (Cartas, Bilhetes e Recados) permitem levantar dados linguísticos, com a finalidade de comparar o comportamento de determinadas estruturas linguísticas nesses dois conjuntos de textos, além de trazer mais informações históricas a respeito da política baiana do século XIX.

Portanto, a edição de orientação conservadora desta Tese orientou-se consoante os seguintes critérios apresentados para impressos do PHPB em Barbosa e Lopes (2006):

1. Edição de orientação conservadora;
2. Manutenção dos caracteres gráficos e da ortografia típica do periódico, visto que a linguagem do periódico busca se aproximar de um dialeto rural;

3. Conservação de qualquer notação aparecida no texto;
4. Manutenção de grafemas em itálico e em negrito. As notações deduzidas foram colocadas em itálico, entre colchetes. Ex: [*itálico*];
5. A ausência de letras ou sílabas é locada entre colchetes;
6. Duplos colchetes representam palavras ou caracteres repetidos;
7. Situações próprias do original são apresentadas da seguinte forma [corroído], [ilegível], [furo] etc.;
8. Grafemas em itálico com outros sem marcas, em um mesmo vocábulo, indicam desenvolvimento de abreviaturas. Ex: Senhor, réis etc.;
9. Quando a forma escrita imediatamente anterior no original se apresentar com erro, utiliza-se (sic);
10. | Indica mudança de linha;
11. || Indica mudança de parágrafo.

## REFERÊNCIA PARA EDIÇÃO

BARBOSA, Afrânio; LOPES, Célia (Org.). **Críticas, queixumes e bajulações na imprensa brasileira no século XIX: cartas de leitores**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. 299 p. (Pós-Graduação em Letras Vernáculas) – FAPERJ, Rio de Janeiro, 2006.

Coluna: <b>Editorial</b>	Data/Edição: <b>1900/ 1º domingo de maio/ anno I / nº 21</b>
Gênero: <b>Editorial</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**O descubrimento do Brazi** | No vê da mais maió parte fais hoje, | premeiro de Maio, quatro centos | anno qui um maroto véio viageiro | chamado Pêdro Alves Cabrá, qui an- | dava navegando pur esses mundão | d’aua priciguido pur um temporá de | chuva, isbarrou c’as terra deste coi- | tado Brazi. || Pur a cartia d’arguns *saberente de | marca grande*, non foi o véo Cabrá | e sim um tá Hanrique Dia, e ainda | outos sustenta qui foi o gallego Vaz | Caminha o verdadeiro descubridou, | e non sei cumo não appareceu tom- | bem ahi um ingries. || Agora non é d’inorá, apois, o *Bra- | zi* foi descubrido duas veis: a pre- | meiro foi pur as Alagoa (tanto assim | qui *os minino* de lá já fizero a va- | diação) e a sigunda foi pur a *Bahia*: | neste cunsguinte, pode sê munto bem | qui adispoi qui o véio Cabrá acabasse | de descubri a bobage, os [ilegível] vince | descubri tombem sem [ilegível] das | terra descubrida. || Hai um bererê ahi nesse meio qui | memo non se sabe quolê o pai do fio | de Zebedeu. || A verdade é qui as terra ta *discu- | brida isprorada* e etc, e ta e havéra | de sê pur gente. || E’ verdade, o maroto véio deve ta | la no outo mundo cossando a queréca | de grenado ! Non é pra meno, apois | cuma é qui se qué tomá a fio da | mãï?! Agora, meu véio, se console | e druma e seu sonno, qui voincê non | tem remeido a dà. Arrispitivo justiça | ca im baxo, meu sinhou, hai tanta | farsura qui non hai qui fià nesse tem- | po de siabrada e papamelada, qui | fais mêdo a gente se mettê nestes im- | braio. || **Cabrá e o defunto brazieiro** || C. Antão sinhere, chigastes huje | do Brazile?<sup>1</sup> || D. Inhou, sim, seu Capitão. || C. Biajastes quantas horas,<sup>2</sup> || D. Home, a duença me deu ali || pra vorta de média e vim chegá aqui || n’esta hora. || C. O caminho de Santiago In istá | sem nubidade. || D. Seu Cabrá, a istrada tá cum | uã lamazinha, mais

<sup>1</sup> Esse trecho apresenta uma aproximação em relação a aspectos fonéticos-fonológicos do Português Europeu.

<sup>2</sup> Verifica-se betacismo e conjugação da 2ª pessoa do singular (Tu).

porem não ostra, | o impate todo meu bom sinhou e este | negoço de interro  
qui é uã tardança | grenada! || C. Bom cum tudo isto eu ainda hei | de  
chigare a bem tempo dos fisteijos | do cintinario. || D. Ora, seu Cabrá,  
festejo do cen- | tenraros (sic) Só d'aqui a cem anno outra | veis. Nem  
pense nisto, apois já foi | hontem, meu véio. || C. O qui istais a mi dizeres<sup>3</sup>  
|| Antão mudaro de tres pra pri- | meiro de Maio. || D. E è isto só seu  
Piroca!... || Nas Alagoa, meu caro sinhou, já | desne o dia 22 d'Abri. || Diz  
qui houve munta musga de | muriçoca, cavaiada de cavallinho de | frecha,  
fuguetaria sem bomba; meu | sinhou, foi um festaião de papouco | dento  
do Maceió. || C. Olha qui teus patricios logo hão | de mudare o dia de  
Natale pra sab- | bado d'Allilua. || Andaro a dizere qui non fui eu | quem  
discuvriu<sup>4</sup> o Brasile à sim o | Hinrique Dia, e agora mudaram-mo o | da  
(sic)dadiscuberta. || D. Seu Cabrà, non sabes<sup>5</sup> elles lá | diz qui vão lavanta  
uã memora pra | voincê na praça dos Canudinho. || C. Antão dixarei pra  
ire no dia | da inauguração qui cum cirteza debe | sére no dia do quinto  
cintinario. || D. Oixen/ seu Piroca, custara tanto | tempo assim. || C.  
Mirastes o P'lacio<sup>6</sup> do Governo | e has de calculare o tempo pricizo | pra  
tale obra. || D. Seu Piroca, (qui ma lhe prigun- | to) quole foi o dia mémo  
qui voincê | discubriu o Brazil || C. Dia 3 de maio de 1500. O mais || [n]ão  
cun[b]ersas. || D. Seu Piru Vais Caminha non gos- | tava nada desta  
reposta(sic). || Pra sumana domos as nutiça ar- | rispitivo a vadiação do  
quarto cen- | tenaro, qui houve dento da capita | desta Pruvinça.

---

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> Oscilação /v/ e /b/.

<sup>5</sup> Confore nota 3.

<sup>6</sup> Redução de vogais pré-tônicas, característica do Português Europeu.

Coluna: <b>Editorial</b>	Data/Edição: <b>1900/ 3º domingo de maio/ ano I / nº 23</b>
Gênero: <b>Editorial</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**O 4º CENTENADA** || DA DISCUBRIDURA || DA || **TERRA DAS BANANA** || **CONTINUAMENTO** || **As** foia fallou qui teve lumiação de | lùis leleca desna o Terreiro inté di- | zimbocá na Praça dos Canudinho; | mais porém s'isquecerro de dizê tom- | bem que esta arrifirida luis era uãs | garrafinha cus arame pundurado nuas | vara de tirà mamão virge tale e quá | cumo vinhéro de capôra; e que apezá | da lumiação d'estas lumiara o intriou |do meio do Terreiro tava iscuro qui | nem um *capão* (matta iscura). || Tombem fallaro nuã crúis alumiada | na frente da Castredá cuma se fosse | arguã coiza; iquillo Deus me perdoe | pur amou de Deus, fazia inté vre- | gonha. || A non sê o Cazaião dos Canudi- | nho, a Cambra e mais arguãs caza | pubrica, a pavuação tava nesta cun- | firmidade na iscuridão do traviá a | costumado do costume de toda | noite. || Os tá coreto tava ton bem alumia- | do, qui os musgo pircizaro cada quá | d'acendê uã vilinha de tustão pra | mode pudê acertá a boca. || Agora veja la quontos conconé | non se gastou?! Sò prá tá lúis leleca | fo-se um continho prous diacho dos || allamão todinho || O pobe do rocêro qui peleje *no | cabo da mutamba* pra os sinhou in- | gruvatado no pescoço lambê tudo na | trimamoca do tá pratriotismo. || **O RESTO DA VADIAÇÃO** || No dia dois houve là uã maço- | naria na Cambra, antonce cumpare- | ceu o reis Papa-mé cú sua Cumi- | tude. || A dispoi delles fazere aquellas mis- | **TRIA TODA, O CONDIO** Marfredo abriu | a boca e fallou n'um bando coiza | tudo baraiada, qui inda hoje tomos | pru sabê a gimitria da tá reza. || Quondo acabou-se tudo o Papa- | mé e o povaião todo foi pra caza. || no dia treis houve *Te-Deu* na | Castredá, prontoficou o Cardia Je- | rome Teve Vontade. || A missa teve munto cirimonhenta; | mas porem os devoto faiaro; mar- | mente teve o Freira, Intendedou da | Cambra, a Cumeção da festa e mais | arguas suciadade; o resto era muié | de capona. || No dia quato houve um discum- | certo de musga bocá e gaita na | Cambra. || Os sapo na lagoa e as muriçoca | nas camarinha de drumi ficaro atra- | zado. ||

Pruvia da chuverada a parada | dos muricego foi arrimuvida do dia | treis  
 pra seis. || Ali a hora d'armoço grande os lo- | tes de muricego pegaro a se  
 alotà no largo do Terreiro, adispoi das conti- | nença pegaro a marchá  
 n'este tra- | viá: | A dienteira ia os lote qui tocava | as clarineta e o lote qui  
 levava as | burra preta qui bota fogo pur a boc- | ca seguia os lote de  
 Infantaria de um- | ricego de perna vremeia, cada quà | cum seus maiorá  
 de galão. || Na trazeira de ditrais os lotes de | muricego puliceiro, cada tóra  
 de | jagunço qui nem sabia pegá nas | arma. || As 10 hora a muricegada  
 chegou | no Campo Grande no toupo de lá | fazê os tregeito da ta aparada,  
 aonde | s'arrumaro na méma circufereça qua- | drada. || Dum lado da  
 arrifirida praça fizero | uã cazinha pra mode o Reis Vehi- | nho, a sua  
 cumitude e a Cumição da | festa vê a bobage. || Dahi a pedacinho quondo  
 os mu- | ricego dero cús oio no muricegão | generá, as colarineta gemeu o  
 bocà | e as burra preta lascaro fogo qui foi | um trivudão de mettê pavou;  
 mais | porem arguãs dita cuja burra preta | pircizou qui se mijasse na  
 iscorva | pruvia de tê faiado. || Dahi um pinguinho o muricegão | véio  
 passou a arrivista nos bixo todo. || N'esta feita é quondo lévem o Reis |  
 Vehinho mais o graúvão do distrito, | ahi fizero as curtizia lá delles, e as |  
 musga pegou assoprá, qu'eu gostei | de vê aquella maçoniria. || Adispoi  
 dessas madobra toda, os lotes de muricego pegaro a marchá | prous quarté;  
 quondo o darradeiro | lote passou o muricegão generá di- | sapiou do ca'alo  
 e foi sodà o Ve- | hinho. || Quondo os lote passava qui dava | cús oio no  
 Vehinho pegaro a fazê | as curtizia cas arma (*oie se seu Lulú | la im riba  
 no sertão nunca teve | essa grandura* [ilegível]) || teve tombem na ta  
 aparada amon- | tado e qui ia na beira do muricegão | o capitão de mar e  
 guerra Arves | Cambra , arreprezentando a cavaleria | da marinha do má. ||  
 Pode se dizê qui teve mile cem | muricego na ta aparada, mais porem | qui  
 só mile non era jagunço. || Teve munta boa se non fosse essa | merma.

Coluna: <b>Editorial</b>	Data/Edição: <b>1900/ 1º domingo de junho/ ano I / nº 25</b>
Gênero: <b>Editorial</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**O REIS VEHINHO** || Inté qu'afiná o povoião da Pru- | vinça da Bahia poude tumà um for- | g[o]zinho; apois o tá Reis Vehinho | qui tantas marvadura e tantos mar- | feito feis, já passou a vara pra mão | do tá Sibirino, e vai sahindo de ban- | da oiando pra trais, pras Oropa cumê | deitado o qui gragatiou os quato | anno qui a Mulata Véia lhe cahiu | nos gudanho, qui nem cachorro qui | furta um taco de prisunto e vai apri- | curá um lugá bem longe do dono, | pra mode papá seu sucegado. || Agora non fais má não... bem | feito... praque im riba do home tê | feito um lote de mulequêra ainda | elle topa quem ingrosse e diga: <<Cumó | o Lulú non hai nunca mais de havê | um Reis ton bom>> Pur isso é bom | qui um bando d'elles vá triando na | méma tria. | O tà Lulú é o home mais cheio de | trimamoca qui muié já pariu: elle | cunta uã suimana de nove dia, qui | im riba ainda se sabe devendo o tro- | co ao arrenegado; e ninguem, mais | do que que o Coroné Capa Bode cunhéce | na veiacaria deste dito cujo, apois | são tabaréo da méma pavuação e | criado no mémo pasto, qué dizê den- | to da méma fazenda. || No dia do passamento da vara | elle Lulú isprivitou, no Cazaião dos | Canudinho ( eu tou vendo chamá) na | vista dos óio d'um bandão de gente | cum papé qui tinha iscrivido todos | os *bemfeito* delle, qui inté aintimo | uã arripunança e um arremoço na | bocca do istambo, qui quoje, quoje | qui lancemo a passarinha pula boc- | ca<sup>7</sup>. || Dixe qui non dexou as arca e os | bahú da pruvíncia cheio de conconé | cum medo qui os ladrão furtasse; pur | isso, antonce, elle intricou esses con- | coné im bemfeitura; istou cá latra | limpa , meu sinhou, qui perciza se | tê... corage! || Dixe quelle tinha mandado um | bandão de conconé pra sic[o]rê os sar- | tanejo lá de riba, qui tava morrendo | grenado de fome de dicumé e sape- | cado de sêde d'aua: inté hojé, á non | sê uãs ismolinha qui a Cumiteu da | Villa Nova deu aos mizarave (Deus | te dê o céo) ainda non

<sup>7</sup> Separação silábica de consoantes geminadas correta. Indício de norma culta.

isbarrou aqui | este dito cujo conconé; agora, só se | ainda tá im viagem. ||  
Dixe quelle bafou as guerra de | seu Antonho Cuncieiro; é o caso do |  
caçadou fazê o mundê e cahi dento. || Dixe qui gasto muntos conconé | cù  
amioramento da instruição da | Pruvança; gastá é o meno, os efeito | é qui  
é a coiza; apois trm um ban- | do d'iscola ahi qui os *fessou* insina a | se  
iscrevê- *gato* cum *j* e *gamela* | cum *y*<sup>8</sup>. || Dixe qui tombem gastou munto |  
cas obra qui feis dento da circumfe- | rença quadrada da Capitã; na ver- |  
dade qui pulo Cazaião da Praça se | poude incarculá o resto das obra. || E  
acabou abrindo nuã choradêra | braba e dizendo: <<Meus cidadões... |  
ões... ões... tenho... enho... cun- | ciência.. ença de té cumprido... | prido  
minha abrigação... ção... ção | ...>> E non teve ahi n'eta hora | um vadio  
qui desse um ispirro/ || Agora vomo vê o qu'esse outo | qui *ispia-marê* [*as*]  
fais mió governa- | dura qui o *papá-mé*. || Va sahindo marvado n'arage! ||  
Venha, Sibirino meu nego, cum | deus e tudo quonto é santo, meno | cum  
o tá S. Istevo, qui é um santo | qui fais as coiza mingué pra cà e | rendê pra  
là.

---

<sup>8</sup> Observa-se que o redator faz críticas aos professores que não ensinam a ortografia corretamente. Mais uma prova do status culto do redator.

Coluna: <b>Editorial</b>	Data/Edição: <b>1900/ 3º domingo de junho/ ano I / nº 27</b>
Gênero: <b>Editorial</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**O ma da boubá** || O intededou da Cambra | mandou dà ao povaião da capitá | uns papé iscrivido, arricummen- | dando no cunsuante pra mode | agente<sup>9</sup> se lavá todos dia; se | cunsinhá a roupa, mata os rato, | os pruçubejo, os muricego, ao | muriçoca e as purga pruvia do | má da boubá, qui tá dando na | Corte do Rio de Janeiro e fa- | zendo sua caréta pra nois cá. || Tudo isso tá dereito-aceio | de limpeza é bom; mais porém | nois cá no isgrime intelligimen- | to da gente, ápezà de nois non | sê dotou, achemo qui non é esses | ditos cujo arrifiridos aniceto qui | trais má pra cidade e pur | isso a nossa pinião é essa é. || Achemo qui o dito cujo in- | tendedou devêra alimpá a poi- | quêra dos arruado e abrigá | os moradou tombem alimpá as | sua habitação pru fora e pru | dento; tá visto que aonde hai | aceio de limpeza non pode havê | anicetos, apois, elles son fio da | poiquera e a poiquera é a | mã. || Achemo é qu'elle devêra puri- | bi si vertê aua pur as parede e | se fazê sriviço pur os beco; de- | vera tomá purvidença arrispiti- | vo as boca de porco qui bota | um catiã de matá um chris- | tão devera mandá fazé cumuas | pra se fazé uã pircizão, qui inté | fais vregonha se dizê qui dento | dos arruado da capitá non tem | um lugá aonde uã arma faça | sriviço, fallando cum pouco in- | sino. || Agora se o Freira acha qui | só pode livrá a cidade do má | da boubá pagando pru cada | rato duas nica. pode dizê qui | memo gragatiando mile pru dia, | no fim d'um anno ainda não | comprou nem a terça metade | dos que tem só na Cambra, na | Arf[ilegível]da, na Caixa de Inculumia, | no Palácio, no Tizouro e etc. e | tá, cumo já dixé uã pessoa uã ca- | zião: esses é qui os mais brabo | prueque tem a pança arva e non | hai ratueira qui aguenta esses | bitello. || Achemo qui o intededou de- | vera tomá esse conseio e qui | fazê essas indicação qui há de | se dá bem e merece ilugio do | povaião.

---

<sup>9</sup> Grafado junto.



Coluna: <b>Editorial</b>	Data/Edição: <b>1900/ 4º domingo de junho/ anno I / nº 28</b>
Gênero: <b>Editorial</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**O efeito da garrafa de mé d'abéia** || Um mateiro pru nome Jão | Garrote, moradou na fazenda | d'Aua Branca, ahi pras berada | d'Amargosa, tinha uã questão | cum outo arrispitivo essa livuzia | de terra im commum. || Antonce indo tê cuns moço | vindião da arrifirida cidade; elles | qui son rapais caçuista e grenado | pramode ajudiare cús pobre dos | tabaréo, acunseiario ao dito cujo | qui fosse a Bahia saquexá ao | reis Vehinho e levasse uã garra- | fa de mé d'abeia pra ofrecé a | elle, qui podia dizê qui o negoço | tava dislindado. || Assim mémo foi o cazo. || O bruto do rocéro imbarcou, | e, logo qui chegou na capitá, foi | correndo pra Vitora fallá cu | Vehinho, no cunsuante deste | cunsiguinte. || << Seu Cuncieiro, eu vim aqui | nos pé de vo-siuria pra mode | vossa incellença, puramor de | deus e pulo bem dos fio de | vossa-mercê, me valê!>> || Diz o Reis: || <<O sinhou antonce, o qui que? || <<Seu capitão, vo-siuria non- | inore minha istupidez, não, ca- | pois eu sou home dos mato) eu | venho aqui no ranxo de vossa | reverendiça pru mode uãs terra | qui eu tenho ahi pras banda d'A- | margosa, e cumo eutava(sic) dizentdo. | um sipilicante, qui é um home | imbiciento, qué lambe tudo, sem | dexá as divizão. || Cumo vo-siuria non inora, as | terra se divide pur rumo, pur | rego, pur regueira e tombem pur | marco, apois esse tá nem quê | arresitá as lei da vossa incel- | lença. Saperou quessa livuzia | das terra im commum qui tem | pintado o capeta lá no meu dis- | tricto. || Antonce eu venho pidi a vósiu- | ria, nobre pessoa, de bondade, | pra vossa mercê pulo bem da | sua divina famia de sua pessoa | de agarante, promode mandá o | juiz dividi as terra purrumo. || Uã cumparação: ahi aonde ta | a vossa mercê e um atoleiro | aonde tem cahido um bando de | réis, pra mais de deis boi, afora | as uvéia, antonce eu pra mode | os animá non morrê lá dento de | vossa mercê, qui é um pricipicio(sic), | (uãs a cumparação fiz uã cerca | aonde eu tou aqui, ora muito | bem, apois, o ta individo é ton | maivado qui me pinicou a pias- | saba toda e im riba quiria me | porcessá. || Isso é das lei da cambra, seu

cuncieiro?> | O Reis, qui gosta de sriovi os | patriço, dixe á elle: || << O  
sinhou vá discançado qui | o negoço vai se discidido im seu | favou>>. ||  
O João Garrote munto contente | meteu a mão n'um saco e tirou | de dentro  
uã garrafa de mé d'abeia. || <Istá, seu cuncieiro, eu vi dizê | qui vo-siuria  
gosta munto de mé, | tome pra vossa mercê tomá sua | garapinha || *Xico  
Giringonça.*

Coluna: <b>Editorial</b>	Data/Edição: <b>1900/ 3º domingo de julho/ anno I / nº 31</b>
Gênero: <b>Editorial</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**O imbaicamento do Papa-mé** || (*Uã si abrada*) || Os ingroçadou do Papa-mé | siturdia passaro puro arame aren- | gueiro uã nutiça a o *Jorná do | Brasi* nessas cunfirmidade: || <<O Cuncieiro Lulú... im ante | d'imbaicá pr'Oropa arrecebeu | grandaiona porva de camaradu- | ra da banda d'arguns camarada | é admiradeiro (*da véia-Caria*) | qui l'ofrecero um apareio de pra- | (*pura*) pra tualete. || Teve no imbaicamento pra | mais de duas mile pessoa. *Von | ingroça assim ao demonho cus | carregue lá pras profunda dos | inferno !!!* || E pra mode o povaião do Rio | non cuidá mémo qui foi assim, | qui aqui na pruinça só tem | *ar.. lindos* vomos debuià a his- | tora dereita cuma foi: || O t'apareio qu'Elles... ufrece- | ro ao Pa, ra, paí, tão (*voinces | disbraganhe as sibra*) de prata | so tinha o cou, apois era dessa | prata qui vem imbruiado o ra- | pé invrinizado de metá arvo. || Arrispitivo o povaião qui foi | no imbaicamento do dito cujo | teve pra mais de 2 mile mémo, | nesse cunsuante dixêro a *vre- | dade* acostumada: || Oie: 125 ingroçadou || 84 chupa cardo || 28 ar...lindos || 204 calunga || 50 maiorá (qui foro abriga- | do, de (*live vontade*)) || E o resto pra interà os 2 mile e | tanto foi de homes de bem qui | ficaro im caza. | isso é que foi e é<sup>10</sup> a vredade | litica sem *siabrada* no meio. | *Xico Giringonça*

<sup>10</sup> Por essa ocorrência de <e> conectivo e <é> verbo, pode-se inferir que a acentuação de <'> quando se refere a conectivo, é um mero erro da tipografia.



Coluna: <b>Editorial</b>	Data/Edição: <b>1900/ 3º domingo de agosto/ ano I / nº 35</b>
Gênero: <b>Editorial</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**O prémêro cajù da bixinha da gente** | Feis [m]á fumaça do dia d’hoje um | niversaro de anno qui a rapaziada cá | da roça arriunida na graça da nossa | Milagrenta Padrueira Nossa Mãe a Si- | nhora do O’ istuciou lavrá uã foia qui | ispruvitace as nutiça qui se assucedede, tanto pru dento da circunferença qua- | drada do triango da capitá dessa pru- | vinça, cumo cá pru fora, apois im todo | Impéro Ripublicano do brazi non se | topava um orgo uficiá da roça nesse | traviá. | No principio qui prispuiu se suou | pramode(sic) guentá a dita cuja im cér- | cómtança das infulorença dos moço da | capitá, e se non fôra o pudê da von- | tade a bixinha isfalicia no toupo do oio | do nacedouro; mais porem cumo a Vige | Senhora mai de Deus e de nois todo | non dizimpara os seus fio foi indo, | foi indo, s’ispecando d’aqui, s’ispecando d’acúlá, inté qui isbarrou no cun- | suante do povaião non pudere passá | o dia de sabo pra dumingo sem ispri- | vitá a *Foia dos Rocêro* e dizere pur uã | bocca só: a *Foia dos Rocêro* é, na epica | d’hoje, a de mais maió circulamento | dento dessa pruvíncia; e pruvia dessa n| consederação litica agardicemo ao mémo | povaião da capitá e de cá de fóra a | proutação cum que tem purtigido nois. || Pra mais fazê agrado a todos arre- | zovemo d’hoje im vante andá na tria desse traviá: | Arrespeitá as famia no cunsiguiente | da ispercialidade; | Pricigui os suplicante qui o povaião | dá um lugá na déreção da pruvíncia | qui intraro istriziado da barriga e quere | sahi cu’ella inchida im tempo de impa- | ziná; || Imbirrá cus tá ingroceiro seje quem | fou; || Dá na vida duns cabra qui anda se | fazendo Mané de Soiza, pra vê s’elle | amiora nas bestança: || E impurrá a viola no Lulú Ratão, | o mais maió inimigo qui o povaião | bahiano tem. || Ca mão im riba dos Santo Vangelo | e c’us oio na Purvidença Divina de Deus || - Nossa Sinhou<sup>11</sup> juramo pur a lúis do | dia

---

<sup>11</sup> Palavra masculina com possessivo feminino.

qui nos alumeia o seguinte, ainda | mémo cá péa pru os gurgumios: qui ou  
| esse é o traviá da *Foia dos Rocêro* ou | antonce a bixinha vira arcanfou.

Coluna: <b>Editorial</b>	Data/Edição: <b>1900/ 1º domingo de outubro/ anno II / nº 28</b>
Gênero: <b>Editorial</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**O partido dos azumbadou** || Im vértudo de se tê garnizado | *o partido dos capa-bode*, a ratarie | arrezorveu tombem formá seu par- | tido pra fazê apuzição *aos capa*-<sup>12</sup> | *bode* e qui o nome iscuvido pru | todos foi *partido dos azunhadou*. || Todo o persuá, qui fais parte, | já havia a munto tempo; mais | porém cumo agora não topa mais | toicinho, ficaro grenado cum aua | na bocca, e antonce tomaro tenen- | ça nas unha pramode(sic) vê se ainda | pode fazê mundo. || *Partido dos azunhadou* || Generalismo – Lulú Ratão - || Maiorá da azunhação – Rodrigão | Rato do Tizouro - || Guarda-Costa-Frei Rato Mufi- | no. || Chupacardo-Machado [R]éu || [*Chupacardo*]<sup>13</sup> Carvaiá das Areia || [*Chupacardo*] Silivestre Indiota - || ingrocêro Oicade Pêteiro. || O buraco do partido será no | Palaço das Areia tudo aos dia das | sersão. || Portêro, barredou, cupéro e cria- | do de quarto – Arlindo Bandeja de | doce. || O orgo ufiá é o *Dia o das Ra- | tiça* – prupriedade duà azunhação, derêtou-cumerente- Anizo Ra- | tana. || Os subrinho do Ratão, o resto | dos calunga e os cramondongo | c’acumpanha o dito cujo, fica sendo | os ispião, pra botá sintido nos | gato, qui é os *capa-bode*. || *A rataria bahiana*.

<sup>12</sup> Talvez seja um indicativo de que há mais de um redator.

<sup>13</sup> Por inferência. Sinal <”> que indica mesma expressão da linha anterior.



Coluna: <b>Editorial</b>	Data/Edição: <b>1900/ 3º domingo de outubro/ ano II / nº 43</b>
Gênero: <b>Editorial</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

Um sonho || (Ispilicação das figura da | préméra custanêra) || Eu sonhei um sonho mémo de fazê a | gente ficá de cabelo impé qui nem | catitú. || A sonhadéra foi assim nesse consi- | guinte qu'eu vou isprivitá. || Eu sonhei qui o *papa-mé* cumeu uã | impada de rato qui imbaicou pra ci- | dade de pé junto, impanzindo. || Um home qu'eu n[*a*]nca tinha visto | mais mago se topou cum eu na rua, | m,apertou os osso, dixé qui mi cunhicia, | me tratou logo pru Coroné e chamou | pra nós i ispiá se botá o bruto do *papa- | mé* no buraco. || Ahí non teve nada, não, cubri o rasto | do cujo; quando nós cheguémo no Cam- | po Santo topémo um tendepà grenado: | era os pade imbolado cus ingrocêro e | os parente do cujo difunto, pruvia del- | les pade non querê qui s,intérasse o | o maivado no sagrado. || Tá infim, e etc e tá, d'ale d'aquí, | d'ale d'aculá, interraro o anicéto da | banda de fóra da cerconferença qua- | drada do sumitéro. || Diante d'esse trazigo me diz o cum- | panhêro discunhicado: || E' verdade ! o dinheiro é munto | bom... mais porem, quondo non é pur- | dizido pur o suó do sembreante do ho- | me na labutação do trabaio é o zinferno | prou isp'rito duã pobe aima odispoi qui | morre: é o qui ta acuntecendo a | esse dizinfiliz qui s'interrou dibaxo do | chão, agora. || N'esse intimo qui nois tava cunve- | sando, é quondo eu vejo o Freira Fio- | o Alindro, o Machado, o Chave, o Baran- | dão, o Filuca e os subrinho do interrado | tudo alotado qui ia de vorta do inter- | ro. || Dizia o Freita ao Alindro: || Você agora o qui vai fazê? || Arrespondeu elle:, Home eu agora | vou vê se tomo vregonha; praque o | home qui me purtigia já ta dibaxo do | chão. o Sévéro non qué me vê nem pur | as costa cum distança de meia léua, e | pur isso o reméido qui hai, uã veis qu'- | eu non topo mais quem m'aguate,, é | eu i m'aguate, Dizia o Freira puxan- | do a baiba. || E eu não. Hei distuciá um jeito | de me bardia prou Sivi, faço um agra- | dinho a elle, abaxo a cabeça quondo | quorqué amigo seu me dixé quorqué | injura, hei de cumpri tudo o quelle | quizé, custe o qui custá; você bem | deve sabê qui arrivirá cazaca e cú fio | do

véio, || O Chave ia garrado cu Machado qui | nem ostra na péda, pidindo imprego | pra non tá capando muriçoca. || O Barandão calado cumo um kago | e de cabeça entre as perna ia atrais de | tudo. || O Filuca coitado! churumingava cu- | mo uã [ilegível] qui perdeu a mamadêra | e só fazia era dizê saluçando: || Pirdi minha isperança!... || Minha vida agora ta toda trapaiada!... || Cabando o tempo non hei de sê mais | nem... ispetou de quartêrão ,, || O Oicade, esse ia cas ureia murcha | qui nem animá de caiga quondo toma | lenha; praque elle levou um disruço | de ingroçadura qui acupava mais duã | resma de papé pra dizê na sipertura do | cadave do isfalcido e os subrinho do di- | funto rompêro cum elle dizendo: || O home já tá morto non carece | mais de ingroçação, não” || Esses cujo subrinho do finado ia tu- | do munto sastifeito cumpanhado pur | um lote do devogado e tabalião, qui já | ia fazendo as partia e os inventaro im | ante de chegá im caza os herdêro de | vorta do interro || Quando s, incubriu essa gente fiqué- | mo nois dois se cunvéçando inté qu’- | iscureceu. | Odispoi de munto nois té isbibiútdo | a vida do cujo isfalcido papa-mé, esse | discunhicido qui era meu cumpanhêro, | se lavantou e me dixé nesse cunsuante: || Tu sabe quem é eu? || Ahi eu fiquei ton assombrado caquella | prigunta qui o cabelo m’arripiou e eu | arrispondi sem querê: E’ um home cu- | quorqué. || Arrispilicou elle: Não, meu fio. || Eu sou o teu anjo da guarda im fi- | gura de um home. || Quond’elle fallou esse dizê, qu’eu oi- | ei pra fizulustria d’elle, pru Deus do | céo fiquei quinem (sic) pêxe quondo óia prou | facho do pescadou: elle tava aivo cu- | mo madrasto e alumiano qui nem vri- | do de cristá; ahi, minha gente, eu trimia | cuma vara de cambuatá verde, antonce | elle me dixé: || “Non tenha pavou, meu fio! || Tu agora vai vê uma trama, || E me carregou nos á pur o céo ar- | riba. || Quondo nois cheguemo num lugá mun- | to bunito elle m’abancou im riba duã | bola grandaiona, ahi elle me ispilicou | aquelle muvimento todinho. || Aquella bola era a bola do mundo, | um caminho qui tinha era o cuminho | de Santiago, uã portona bunita qui fi- | cava no fim do cujo caminho era a | porta do céo, um currá de fogo cuãs | cabeça dento qui ficava mais pru baxo | era o puigatoro e um cazaião preto e | iscuro qui tinha la n’aquellas prifundê- | za qui sahia fogo e fumaça fedendo a | inxofre cum breu era o zinferno. || Nisto qui nois tava, é quondo eu | vejo um home de rabo cum saquinho | na mão e vistido cuã camizola aiva de | difundo, subindo cabeça

arriba o ca- | minho de Sontiago im procura do céo: | era a arma do *papa-  
 mé*. || A subridita cuja logo qui chegou na | porta bateu e vi esses seguinte  
 qui se | passou-se entre ella e Son Pédo. || - Papa-mé-(*batendo na porta*) ||  
 Tom...tom...tom...tom... || -S. Pêdo (*abrindo*) O qui qué e quem | é o  
 sinhou? || - Papa-mé-Eu? eu sou Sou Luiz | Marti da Bahia e venho tomá  
 meu lu- | gá aqui. || S. Pêdo-(dimirado) Não!... || Son Luiz Marte da Bahioa  
 no caleu- | daro ca de riba non tem, não; só si é | argum santo muderno qui  
 apareceu | nesses dia. || papa-mé- Apois, meu bom sinhou, | eu sempe fui  
 munto cunhecido la pru | baxo. || S. Pêdo- (*dando cus oio no rabo d'elle |  
 pru baxo da camisa*) Ou lá!... o qui é is- | so?... santo cum'rabo de bixo!...  
 Ah! você | seu mizarave, é o papa-mé qui feis la | pru baxo qui o diabo  
 teve vregonha | de fazê nos inferno? || Já pur aqui a fora amardiçuado da |  
 graça de Deus! sinão eu mando Son | Migué mais os anjo te tangê pur aqui  
 | a baxo! || Va fazê inleição farsa e trimamoca | aonde você quize, aqui non  
 me pize | mais. || *E bateu a porta ligêro cum médo do fe- | rois*. || *O  
 mizarave deceu cabeça abaxo e foi batê | no puigatoro*. || Papa-mé – Ou  
 de dento! || Arma – Mestra – Quem é e o qui qué, | pecaduo? || Papa-mé-  
 Eu me chamo Luiz Cordê- | ro de Jizuis, sou a arma dum home | qui fiz  
 muntos binifiço na terra; mais | porem Son Pêdo mandou qu'eu vince |  
 puigá uns pecadinho leve qu'eu tenho. || Arma- Mestra – Cadê a portaria,  
 trou | ve. || Papa-mé- Inhur não. || Elle me dixeu qui non caricia esse | negoço  
 de portaria, não. || Arma- Mestra- (*dando cúz óio ao rabo | do [ilegível]*.)  
 || Gente, quem jà viu arma pinitente | té rabo de bixo?! (*fallando pra dento*)  
 | Minhas minina, voceis iscore as porta | do fundo, qui tomo cù papa-mé  
 na bera | da caza. || Papa-mé- (*churamingando!*) || Tenha penna de mim !...  
 || Arma- Mestra – Quá, aqui non hai | pulitricaje não, p[u]che fita,  
 arrenegado. || *Ahi o cujo déceu e foi os inferno*. || Papa-mé – Ou de caza!  
 || Démonho Côxo- Oh!. paricêro, você | cumo vai? || papa-mé aqui, cumo  
 quem quem non | topou lugá nem no céo nem no pur- | gatoro. || Demonho  
 Coxo - Au antonce voce é | gente de cá. || Você cumo se cháma? || Papa-  
 mé – Eu me chamo Lulú Inde- | monhado. || demonho, Côxo – Antonce  
 você inda | toca se meu parente;éra (sic) de vê qui seu pai | é minha tia. ||  
*Assim [ilegível] démonho deu cus oio im riba | do rabo do cujo ficou  
 inpautado.*) || Ué!... você trais rabo já la da ter- | ra ! || Um ! você é o papa-  
 mé ? || Papa-mé – Sou elle mémo. || Démonho Côxo – Rapaziada, sinti- |

do!... qui taqui o bitélo. || Vomo, meu amigo, me disacupe o | lugá, qu'eu  
non quéro aqui gente mais | canaia de que eu, não; eu já tive nu- | tiça do  
que você tem feito la pur riba; | bata im outa porta. || Pra eu lhe botá aqui  
dento e odis- | poi você vim cum suas trimamoca pra | me botá pra fora,  
vá sahindo... || *E o papa-mé nom podendo imbocá no céu | nem no*  
*purgatoro nem no zinferno, vortou pra | Sant' istevo dizinganado.* || Nisto  
os treis pote cantou e eu cor- | dei cú coração botando : tico taco e | passei  
o dia amulestrado do sonho. || *Coroné Zé Perêra Capa Bode*

Coluna: <b>Editorial</b>	Data/Edição: <b>1900/ 1º domingo de novembro/ anno II / nº 45</b>
Gênero: <b>Editorial</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Os anno do ratão** || Vige Mãe de Deus ! ou dia dizin- | filiz prou mundo intêro, o dia 30 d' | Oitubo ! pruque foi o dia qui botou | o fucinho da banda de fora e gui- | xou pur a premêra vêizada la nas | bérada do Rio Son Francisco o mais | maió anicéto da casta dos ruédêro, | qui já se topou im toda a cércon- | ferença quadrada do Brazi. || Desna essa feita qui o *xuxo* teve | pavou qu'elle vince sê o maiorá da | terra e do zinferno e redrôbou as | guarda das prifunda. || Quond'elle apareceu no mundo | Deus No Sinhou cunveçando cum | Christo arrispitivo o aparicimento | desse maivado, dixero qu'elles nanje | qui non foi os fazedou daqu'ella | obra tom ruim; antonce odispoi foi | quelles soube qui a Caluna, a Pêta, a Sem- | vreganhiça, a Injura, a Marvadura, | a Trimamoca, a Dezonestra[ç]ão e a | Suvineza foi qui fizeram cada uà um | tiquinho. || Nesse dia memo tombem grelou | o ta Alindro Fogozo, qui foi feito | da méma mistria e pur os mémo gadanho . || Esse individuo trouve uã *bondade*, | um dote da natureza do tempo: já | naceu , bem infindido já grelou cuã | *bandeja de doce* ufrecendo a todo mundo. || Qui parecia: o *Papa-mé* é o *Prufumozo* !... | Parece qui essas duas coiza ruim | foi incummendada de préposto e na | méma cazião. || Im virtude desse grande cunttici- | mento damos a pèsme ao povaião da | Bahia e de todo o mundo intêro.



Coluna: <b>Sem coluna definida</b> <sup>14</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 4º domingo de março/ ano I / nº 17 (1)</b>
Gênero: <b>Bilhete</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

*Meu Cumpade Seu Coroné Zé | Perera Capa Bode.* || Amigo da minharna, fique brabo | cum seu cumpade, arrispitivo eu non | aparicê na Vila; pru cazo de tá tra- | paiado cu duença da minha famia | qui não poço lográ um cardo gordo | qui non tenho tempo nem pra mode | botá um bocado na boca, de mais a | mais cá muié im riba, da cama ar- | dendo num feverão qui fais medo, | fui a sumana passada na Vila buscá | uãs pila de [ilegível], e non sirvio | de nada, nem pur baxo nem pur riba | fela obra, já non sei mais qui hade[sic] | fazê. || Noço fio mais veio anda d'uns | tempo pra ca Cuma friage de barriga | pru cazo de uma custripação qu'elle | apanhou no caminho de Margogipe; inté hoje tá penando. || O Xixi da baixa grande m'insinou | qui intre casco de pau de resposta e[sic] | reméido infalve. || Augerca do Riachão insinou tom- | bem uãs pila de puiga do campo; cu | este reméido elle botou pru baxo, fa- | lando cum pouco insino, uã poiqueira | medonha e cum isso amiourou. || Se non cahi um temporá de chuva | e se noço [ilegível]deiro quérando ficá | bom de uã merma qui sahiu no ma- | xinho da mão, de sorte qui tá qui | não vinjá cá mão inxada lá n'elle, | eu deu um sarto inté ahi. || Arrispitivo o mais nois cunversa | quondo eu aparicê. || Tombem levo uã coiza boa pra | minha cumpade qu'ella hade gostá | munto; discurpe eu non levá pra vo- | incê nada apois as mundiça das lar- | gata tem pintado o diacho. || Do seu cumpade véio agardicido. || *Quelemente.* || Pau Pelado, 25 de Março de 1900.

<sup>14</sup> Bilhete avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.



Coluna: <b>Carta (Sem coluna definida)</b> <sup>15</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 4º domingo de março/ ano I / nº 17 (2)</b>
Gênero: <b>Carta</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Carta do sertão** || Quebrada do rêgo 24 de Feve- | reiro de 1900. || Inlustrismo Sinhou Mané Borge. || Vila da Bahia. || Instimarei qu'essa treis letra va le | i[ilegível]rá V. Sinhuria no topo da pre- | feita saude Deus lovado. || Imexado quessa vuncê topa o re- | ceituaro de mantimento pra mode | vancê arremete pur o bitelo do va- | pou dava, qui primeiro imbochá pra | cá. Non tenha medo de eu qu'eu non | tenho pavou de vancê, sapeca jabá | mais mio pra cá, queu vou bafando | muda pra lá, non ispeque cum meu | recetuaro qui eu non sou cuma esses | caguêta que premêro inspera vendê | os mantimento pra mode antonce | o dispoi pegá a in mandando os ti- | quinho. || Sotro dia um cagueta aqui cume- | çou atrazá cum os trem aeio na me- | xedeira turuna, e adispois qui seus | dono véio cuiê as quontia foi um | tendepá grenado, dero uã ispreme- | deira no arrispitivo supplicante | qu'elle pus um tiquinho qui se aju- | eia nos pé do dito cujo cobradou | e nem gumitou um pingo de dinhei- | ro; agora anda dismularizado, cum | cara de ruinga de macaco. || Ca eu véio non tem disto, purisso | non tenha arrecelho de eu, apois, | quondo vancê meno apracata eu tou | bumba cubrindo im riba do rasto a | diva de vancê. || Vancê insquadreje nas cabeceira | de riba da minha matratage es- | tas letra-Gaspá Véio-qui tudo aqui | já sabe qui é meu argarismo de | nome. || Dê lembrança e sodade a su[corroído]a famia | muié fias femea e os machinho miudo | e pra vancê tombem. || Do intincioso criado do nobe pes- | soa de vancê. || *Gaspa Importe da Costa* || Receituaro. || u<sup>1</sup> sacco de feijão cabeça de frade | qui amulece de pressa. || 10 dito de mio, non quero mio | ocado, não. || 5 amarrado de jabá pra famia, | gorda e cherando. || 2 barrica de bacaiou bum pra | quoesma marca vremeia.

<sup>15</sup> Carta Sem coluna definida. Não faz parte de uma coluna frequente.



## INT 003

Coluna: <sup>16</sup> Recado (Sem coluna definida)	Data/Edição: 1900/ 4º domingo de abril / anno I / nº 20
Gênero: Recado	Fonte: Associação Baiana de Imprensa

**AOS MOÇO** || < Oh ! aquelle Coroné Capabode é | um maivado, non botou na rua hoje | a *bixinha*, cumo premetteu a gente,> | dixee o povaião pur uã bocca só sabbo | d'Allilua. || Mais pore, cada quá sabe de si | e deus N'-Sinhou mió de nois todo. || E' bem verdade qui home qui | non tem palavra nem é home; mais | tombem o home porpõe e Deus | dispõe. || Pur isso pidimo discu[ilegível] moço | qui gosta de isprivitá nossa bixinha, | pur non tê ella sahido d'Al-lilua, cumo nois avisemo na duminga, | atrazada, apois, houve cá ua friguizia | uã latumia qui non foi pussive a gente | butá o Reis Juda na roa. || Diz o ditado qui quondo o pobe | tá bem [ilegível] é quondo tá ca | rapoza im caza.

---

<sup>16</sup> Recado avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.



INT 004

Coluna: <b>Camarinha das visita</b>	Data/Edição: <b>1900/ 1º domingo de maio/ anno I / nº 21</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Camarinha das visita** || Mandaro pra nois estas foia: *O* | *Cysne* da Capitá. || *O Combate* de Sant' Antonio de | Jisuis. || *O Lyrio* de Maragogipe. || *O Rato* de Sant' Antonio. || *O Diamantino* das Lavra Diaman- | tina-Lençóes. || *A Razão* da Estança de Sirzipe. || Munto abrigado a todos. || O Crube Immigrantes do Centro | teve a finura de mandà á gente | um retrato delle tirado no dia dos | Carnavaiada d'este anno qui nois | tomos. || Pur o dito cujo retrato logo ta-se | vendo qui os minino, la de riba | dispenharo o papé tale e quá, aqui | na fulia fos moço da capitá. || Deus lhe pague a consederação | da lembrança e Sinhou Bom Santo | Cuncieiro l'ajude qui prou anno, qui | vem ahi, a vadiação redróbe dois | drôbo arrispitivo a infulurença.



INT 005

Coluna: <b>Camarinha das visita</b>	Data/Edição: <b>1900/ 3º domingo de maio/ anno I / nº 23</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Camarinha das visita** || Mandaro pra nois estas foia: || *Rivista Muderna* desta capitá | Foia istrueira e bem iscrivida, tendo | cumo is[sic]urevedores homes isprivitado | na leitura<sup>17</sup>. || *Jorná d'Anunços* desta capità. Foia | do cummerço, quise dá de graça.

---

<sup>17</sup> Indicação de escolaridade de jornalistas da época. Melhor tratar como editores de jornais.



Coluna: <b>Carta (Sem coluna definida)</b> <sup>18</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 4º domingo de maio/ ano I / nº 24 (1)</b>
Gênero: <b>Cartas / Bilhetes / Recados</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Inlustrismo Incelestismo Sinhou | Dotou Sibirino Vieira** || Nois pru baxo iscrivido patriços | de *Vó-Sinhuria* fumos incurcados qui | era *Vo-Sinhuria* quem havera de to- | má a vara da mão do reis Xuxinho | pra mode governá a Pruvíncia deste | estado; antonce viemo nos pé da *Vo-* | *Sinhuria* lhe pidi as siguinte pruvi- | dença, e nois cumo cunhicemo vo-Si- | nhuria arrispitivo a sizura do carate | de Vossa Mercê sabemos qui Vo- | *Sinhuria* non [ilegível] fazê as brigiriça | qui o tá Reis (sic) Vihinho feis cu povaião | qui habita na circunferença quadra- | da da Bahia, tanto pru dento do in- | triou, Cuma pru fora do istriou: || Prè(sic)meiro prueque, tanto monte, | non vimos dizê qui *Vó-Sinhuria* dir- | rubasse a nação o tempo qui foi ma- | [ilegível]sto da viração: || Sigundo prueque nunca vimos dizê | qui *Vo-Sinhuria* gostasse de *por-* | *teje* (*Vó-Sinhuria* comprende?) os ofos | sem pai nem mãi, nem tombem qui | *gostasse* das viuva ri a, sem marido; | pur isso, istomo ca fé no coraçãoqui | *Vo-Sinhuria* hai de amiorá a nossa | pobe Pruvíncia, acabando cu bando | d e (sic) disabuzo qui tem se feito: || 1. acabá cu jogo dos bixo, qui | ta um iscandio iscandeloso dento da | capitá, pruvia do Vehinho; || 2. mandá inforcá a quadia de | ingroçadou qui o dito cujo criou; || 3. arrizumi o numbro dos ingru- | vatado qui ton mamando deitado sem | fazê nem iranha; || 4. non pricurá jagunço pra sê mu- | ricêgo pulceiro, cuma o Vehinho qui- | ria; || 5. fallá cú Intendedou pra deixà(sic) | de tanto *amioramento* do municipio; || 6. acabà(sic) cum esse bando de *man-* | *da chuva*, qui o Vehinho ispaiou ahi | pur centro, pra fazê farsura nas in- | leição. || (sic)<sup>19</sup> 8. – acaba cas leis qui o Vehinho | feis pulando pra riba da cunstrição. || Os marfeito qui *Vo-Sinhuria* non | deve fazê pra non topá apusição Cuma | o Vehinho topou, são. || 1, non querê entrá cum 30... | pra sahi cum 6:000... cumo acun- | teceu a *arguem*. || 2. non mandá castigá

<sup>18</sup> Carta Sem coluna definida. Não faz parte de uma coluna frequente.

<sup>19</sup> O impressor errou a numeração.

nunca | quem falla vredade litica. || 3. non querê mais outro *treze* | *de novembro* nem tombem *outro cu-* | *meta*. || Tudo isso qui nois dixemo agora | a Vó Sinhuria se ajunta n'um só pur- | cidimento: || SE PRATIOTA || vo-Sinhuria indo pru essa tria, | pode dizê qui vai prou céo dereiti- | nho, sem passá no pugatoro. || Basta vo-sinhuria fazê simiança | do que feis o ta *Ocluton* quondo gu- | vernou a terra dos estados Unido | d' Amerca. || Ca fora tomo as orde da nobe | pessoa de vo-sinhuria. || Coroné Zé Perêra Capa Bode || Jaajão capa Bode || Mané Priquito || Bertulameu Zé do Coito || Prexede da Incarnação || Mané Caipora || Zé Treis Bunda || Xico Girigonça || Antonho Pau Pelado || Mané Subarunha || Zeca Abram de S. Pedo || Miligido da Paciença || Zé Canguinha || Zuza Siguro || Barnabé tarneton || J'ão Barba-Dura || J'ão qui toca gaita || Joaquim Quinquim de S. Joaquim || Manezinho Custotozo || Timote Andiroba || Pracote Treme-treme || Onofre da cabaceira || Palo Mandóca || Xico Lavado || Maneca Galo || Zeca Gome || Maneca Gama || Xico Araquau || Totonho Capirunga || Xiquinho Imbaúba || Bástião Manteiga.

INT 007

Coluna: <b>Camarinha das visita</b>	Data/Edição: <b>1900/ 4º domingo de maio/ anno I / nº 24 (2)</b>
Gênero: <b>Recados</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Camarinha das visita** || Mandaro pra gente estas foia: || *O Mimo* desta cidade. Foiazinha | istrueira e bem iscrivida qui sahiu | na luz do dia este meis. || Os iscrevedou della é uns rapais mu- | derno mais porém abarlizado no tra- | viá da leitura. Arrecebemo o 1. E o 2. Numbro. Deus lhe cubra ca | sua santa benção e dure inté s'acabá, | qui é o qui nois deseja do intriou de | dento d'aima. || *A Coiza* desta cidade. Esta bicha | andou ahi uns tempo pintando o de- | monho ca gente, mais porem agora | chegou o rego. | diz o ditado quem tem caza de | pais non acende fugueira atrais. || Munto agardicido a ambos los doi | pur a consederaç~çao da lembrança.



Coluna: <b>Carta (Sem coluna definida)</b> <sup>20</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 1º domingo de junho/ ano I / nº 25 (1)</b>
Gênero: <b>Carta (Carta Testamento)</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**O Testamento do Lulu** || Eu, Lulú Papa-mé, qui tive quato | anno cá vara da pruvíncia na mão e | tantos binifiço fiz, prá acabá de dá | a porva de que a ingratura non ca- | beu no meu coração, faço cum'abri- | gação do devê este dito cujo testa- | mento e peço im nome de mamã | Mulata Véia qui se cumpra tale e | quá cumo tá aqui nessa foia iscri- | vido. || Deixo a Sibirino Vieira, da Pru- | vinça vazia a mamadeira. || Ao maiorá da Fazenda a quebra- | deira tremenda. || Ao dito da Assigurança todas as | minha vingança. || Ao dito d'Agricoltura da lavroura | a sirputura. || Aos Assenadou e Disputado, de- | promas farsificado. || A Cambra do Freira, um bando | de mulequeira. || Ao Tribuná da Pelação, leis fora | da Cunstruição. || A Puliça, jagunço cumo mundiça. || As Foia da Imprença dessa Praça, | munto boas amordaça. || Aos Artista, do isquicimento ta na | lista. || Aos Istudante, o direito de sê pe- | dante. || Aos vindião e os caixeiro, de treze | de Novembro o sarceiro. || Aos camarada, um adeus e mais | nada. || Aos ingroçadou, siloras véia cum | bulou. || A apuzição, saco, bahú, mala tudo | cheio de priciguição. || Ao Povaião im gerá, dou munta | coiza se eu de outa vezizada a Pru- | vinça eu governá. || Ao jogo da bicharia, porguêsso e | muntas agarantia. || Ao povaião de riba, um lote *man-* | *da chuva* prá mettê a biriba. || A d'esta terra a pulitiqueira, vre- | gonhas e Bandaleira. || Mulata Veia, 2[8] de Maio de 1900. || O testamenteiro. – *EU MEMO*.

---

<sup>20</sup> Carta Sem coluna definida. Não faz parte de uma coluna frequente.



INT 009

Coluna: <b>Camarinha das Visita</b>	Data/Edição: <b>1900/ 1º domingo de junho/ anno I / nº 25 (2)</b>
Gênero: <b>Recados</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Camarinha das Visita** || Mandaro pra gente estas foia: || *O Combate* de Sant'Antonho. || Foia da puzição (sic); numbro 43. || *O Paraguassú* de São Feli[x]. Num- | bro 13[8]. || *O Diamantino* das Lavra Dia- | mantina. Numbro 21 e 22.- || *O macaco* da Cidade do Curra- | linho. || *Cidade do Curralinho* da mêmã | cidade. Numbro 90. || *A Tribuna* da Cidade d'Areia. | Numbro 30. || *A Coiza da Capitá*. Numbro 141. || Munto abrigado a todo pula cunse- | deração. Amem a nois todo. || Lá vai a bixinha pra voinceis.



INT 010

Coluna: <b>Recado (Sem coluna definida)</b> <sup>21</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 2º domingo de junho/ anno I / nº 26 (1)</b>
Gênero: <b>Recados</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

O REIS SIBIRINO || Feis anniversaro de annos o Incel- | lentissimo Seu Dotou Sibirino *Vieira*, | Reis qui t' agora governando essa | Pruvíncia. || Pra mais um *S. João* qui esse nosso | Cherfe tem na cacunda nois cumprim- | mentamo elle cum prazê e alegria, | e impoluremo a Deus Nó Sinhou qui | lhe dê muntos anno de vida pra im- | paro e fricidade da nossa'terra e delle | e da sua famia.

---

<sup>21</sup> Recado avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.



## INT 011

Coluna: <b>Camarinha das visita</b>	Data/Edição: <b>1900/ 2º domingo de junho/ anno I / nº 26 (2)</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Camarinha das visita** || Mandaro pra gente essas foia; || *A Coiza* da Capitá. Tava um num- | bem iscrivinhado e ingraçado. || *O mimo* tombem da capitá. Trais | leitura delicada. || *A Gazetinha* de Maragogipe. || Foiazinha ton piquininha que pre- | ciza ócros pramode(sic) s'incherga a bichi- | nha! || *A Tribuna* da Cidad'Areia. || *O Rato* de Sant'Antonio de Jezuis. | Qui vá ruendo a pella da gente de la. || *A Luz* da Cachoeira. Ta bôa | d'esta veixada. || *O Bemtivi* de Sant'Antonio de | Jezuis. Cante sempe, meu passarinho. || *A Cidade do Curralinho* da mesma | cidade Trais o retrato do Reis Sibi- | rino um iscrito bem iscrivido. || *Véio* bom cumo sempe || *O Lyro* de Margugipe. || A munto que tava iscundido, agora | deu fora um pinguinho mais maió no | tamanho. || *A Razão* da estança. Ta amioran- | arrispitivo imprimidura. || *A Ordem* da Cachoeira. Arrecebe- | mo dois numbro munto bem avariado | no traviá das nutiça. || Munto abrigado a todos pur á com- | séderação.



## INT 012

Coluna: <b>Recado (Sem coluna definida)</b> <sup>22</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 2º domingo de junho/ anno I / nº 26 (3)</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

A PIDIDO || **Seu Dotou Chefe d' Assigurança | desta Pruvíncia** || Priguntamo a V. Encellença se um | criminozo pode andá navegando dento | dos arruado d'uã cidade, passiendo | nas barba das turidade, sem sê arri- | cuhido pra mode sê porcessado na | leis. || Pruque aqui tem um suplicante | pru nome Mané Nune, e este dito cujo tem duas morte nas costa: ma- | tou a mulé e um camarada delle pru- | via dum marfeito de camarinha; | antonce este dito cujo non só véve | dento do seu ingenho d'elle, cuma | tem feito inleição na cambra e ta cu- | mendo e bebendo imapariado cus mai- | orá dessa cidade, e tombém já dixé | qui non s'intrega a justiça, sem pre- | meiro non fazê uã sebasça. || Viemo pedi a V. Encellença pra | mode V. Mercê tomá pruvиденça ar- | rispitivo este suplicante, qui anda | pur essa arredondeza cum á de *man- | da chuva*. || N. S. de Nazareth, 9 de Junhio | de 1900. || *Uns moradou d'aqui*

---

<sup>22</sup> Recado avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.



INT 013

Coluna: <b>Recado (Sem coluna definida)</b> <sup>23</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 3º domingo de junho/ anno I / nº 27</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

A' PULIÇA || Chama-se as vista do chefe | da puliça pra uá muié  
 gordarona, | qui é dessas gente pirdida, mora- | deira na Rua do Arvo num-  
 | bro 182 qui só véve n'ua mule- | queira de safadeza tanto denoi- | te cuma  
 de dia sem o memo ar- | reipeita as famia honestra qu<sup>i</sup>(sic) | mora  
 [n]'aquellas redondeza || Essa individa já morou nos | Cais Dorado, odispoi  
 foi pras Pitangueira e quondo é agora ta | incomodando o arricuiamento das  
 | famia dessa arrifirida sua arri- | ba.

---

<sup>23</sup> Recado avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.



INT 014

Coluna: <b>Camarinha das visita</b>	Data/Edição: <b>1900/ 4º domingo de junho/ anno I / nº 28</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Camarinha das visita** || Mandaro pra gente essas foia: || *O Futuro* da Cidade do Bomfim | Trás munto boas nutiça. || *O Regeneradou* de Nazarete | uã das foia mais que tem | aqui nessa Pruvíncia, agora foi | toda arreformada no mitriá da | tipigrafia, qui ta qui fais prazê se | vê. Trais tombem munto boas | coiza. || *A Ordem* da Cachoeira. | Tobem véio boa. || *A Luz* da mesma. || O memo nas nutiça. || *O Paraguassú* de Son Feli. || *A Razão* da Estança | Muito obrigado a todos pur a | cunsêderação da lembrança. || Lé vai a nossa bixinha da | gente pra barganha.



INT 015

Coluna: <b>Recado (Sem coluna definida)</b> <sup>24</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 1º domingo de julho/ anno I / nº 29 (1)</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Ao povaião da capitá** || Arrecebemos uã nutiça de | Sant'Istevo pru o arame a- | rangueiro qui seu Zé Coraju- | do gragatiou o ratão mais | maió de grande tem n'essa Pru- | vinça antonce essa sumana | qui vem nois arrepresenta- | mo na primeira cusutanei- | rad'essa foia pintado a fi- | luzastria do ta Zé Corajudo | e um ratão dentroda (sic) ratue- | ra. || Pur isso acunsciamo qui | noa percam a foia de sabo | qui tá de mandá chega. || Coroné Zé Perêra || *Capa Bode*.

---

<sup>24</sup> Recado avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.



INT 016

Coluna: <b>Camarinha das visita</b>	Data/Edição: <b>1900/ 1º domingo de julho/ anno I / nº 29 (2)</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

CAMARINHA DAS VISITA || Arrecebemos essas: || Istatuio da  
 Suciedade Dra- | meira Taborda dos Mauau capitá, | da pruinça  
 d'Amazona, A arri- | firida suciadade arrispitivo o tra- | viá é cuma non  
 hai mió prous | soço. || *O Diamantino* dos Lenço || *O Trocista* das Alagoa  
 || *A Orde* da Cachueira || *O Rato* de Sant'Antonho de | Jezuis. || *O*  
*Regeneradou* do Nazarete. | Munto obrigado a todos pur a | consederação.



Coluna: <b>Carta (Sem coluna definida)</b> <sup>25</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 1º domingo de julho/ ano I / nº 29 (3)</b>
Gênero: <b>Carta (Ofícios)</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Ufiço d'um delegado de fór<sup>a</sup>(sic) | passando o zirviço ao subide- | legade pru mutivo da morte | da muié delle** || *Lustricimo cinhou çubi dele- | gado d'este termo cuma vara | incostada a minha* || Li acurinunico qui minha | muiémorreu hoje e cumo eu | tou cum noje dela passo la vara. || Do dellegado do termo d'Aua | Cumprida 24 d'Agosto de 1899. || Capitão *Çupriano dos Angos.* || **Resposta do subidelegado** || *Littsmo*(sic) *seu primero dellegado | deste termo no zirviço da vara* || Deus guarde a S. Sra. | cum afinada(sic) qui isfaleceu na | data de hoje. || O fim da presente é li aparti- | cipá qui eu fiz uã viaje prá da | miximento das minha coiza | dento de Satanas negoço do | inventaro do véio finado meu | pai, e dexei minha muié nos | dia de dá a lúis, quondo che- | guei arredado meia léua sube | da nutiça cá muié me tinha | parido nas costa ahi eu vurti | im riba dos pé, im virtude desta | merma S. Sra. Faça o qui man- | da as leis. apois arrifugo a vara. || Respeitadou de S. Sra. || *Grigoro do rego de S. Pedro* || **No cunsuante desse ufiço o de- | legado arresorveu consurtá ao | vigaro da friguizia** || *A [ilegível] Çinhou Vigaro Mané Ga[rro] te* || Çaude a Vrvrda<sup>26</sup> e pais de | Deus noço çinhou amem. || Ponho nas mão hojede (sic) Vrvrdo<sup>27</sup> | arrispitivo uã mérma qui o çubi | Dellegado lavantou arrifugando | da a vara do zirviço, antonçe | Vrvdra<sup>28</sup> cuma é abarzitado nes- | tas questão lhe pregunto e quero | que Vrvdra me ass(sic)esponda<sup>29</sup> pur | o memo portadou eu tando cum nojo de minha muié morta | im caza e o çubi Delegado non | podendo fazê zicciço(sic) ca vara | delle pruvia da muié delle tá | párida de fresco im riba da ca- | ma im quem devo passá a

<sup>25</sup> Carta Sem coluna definida. Não faz parte de uma coluna frequente.

<sup>26</sup> Provavelmente refere-se ao pronome de tratamento *Vossa Reverendíssima*.

<sup>27</sup> Idem.

<sup>28</sup> Idem.

<sup>29</sup> Provavelmente um erro de tipografia ao trocar <rr> por <ss>.

vara? || E' um favou qui Vrvdra<sup>30</sup> fais | a seu criado obrigado. || Capitão  
*Cypriano dos Angos* || **O vigaro arrespondeu** || *Illmo. Snr. Capitão*  
*Cypriano dos Anjos* || Saude, etc. || recebi a sua monumental car- | ta que  
eu padre, não posso | responder sem tirar a batina. || Sinto bastante lhe  
dizer que | d'estas questões entendo tanto | quanto o Snr. do cargo que  
exerce. || Achava era que o amigo de- | via por em outra mão, e não | na  
minha, por exemplo: na mão | de um juiz ou advogado que é | quem  
entende desta materia. || Agora quando precisar de | expulsar o espirito da  
ignorant- | cia que custuma invadir o corpo | dos delegados com *l* dobrado  
e | dos subdelegados com *C* cedi- | lhado mande me dizer. || Do amigo  
obrigado criado. || V. *Manoel Garrido* || N. B. – Garrido sim, Gorrote | é  
elle.<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> Provavelmente refere-se ao pronome de tratamento *Vossa Reverendíssima*.

<sup>31</sup> Observar, na escrita referente à fala do padre, o confronto entre variantes escritas.

INT 018

Coluna: <b>Camarinha das visita</b>	Data/Edição: <b>1900/ 2º domingo de julho/ anno I / nº 30</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

CAMARINHA DAS VISITA || Arrecebemos esses || *Cidade do Curralinho* da ci- | dade de memo nome || *O Povo* das Alagoa || *O Trocista* do meo luga | arriba. || Munto abrigado a ambulos | dois



INT 019

Coluna: <b>Recado (Sem coluna definida)</b> <sup>32</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 3º domingo de julho/ anno I / nº 31(1)</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**A ponte de Sant’Istevo** | Quantas veis passou pru | riba dessa ponte  
 arrifirida, la- | caiado prum lote de muricego, | o mais maió grandaião dos  
 | maivado qui já se viu e a bixa | nunca feis nem *inhé*, já tando | um tanto  
 distorada ?! Mais | pore, cumo o arrenegado é | ajitorado pur o *xujo*  
 (pruque | Deus nem pode ta cum gente | daquela casta) foi o bixo dá | a  
 culatra, a ponte *pam...* po- | cou c’um bando de gente im | riba, qui nunca  
 mataro nem | robaro. || E’ pur isso qui se diz ques- | se maivado tem parte  
 cu maio- | rá de baxo. || Eu t’arrequéro *capeta véio* im | nome de Deus e da  
 Vige Maria. || *Vaite retro Satanais* || *Xico Girigonça*

---

<sup>32</sup> Recado avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.



Coluna: <b>Recado (Sem coluna definida)</b>	Data/Edição: <b>1900/ 3º domingo de julho/ ano I / nº 31 (2)</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**O imbaicamento do Papa-mé** || (*Uã si abra da*) || Os ingroçadou do Papa-mé | siturdia passaro puro arame aren- | gueiro uã nutiça a o *Jorná do Brazi* nessas cunfirmidade: || << O Cuncieiro do Lulú... im ante d'imbaicá pr'Oropa arrecebeu | grandaiona porva de camaradu- | ra da banda arguns camarada | é adimiradeiro (*da véia-Caria*) | qui l'ofrecero um apareio de pra- | ta (*pura*) pra tualete. || Teve no imbaicamento pra | mais de duas mile pessoa. *Von | ingroça assim ao demonho cus | carregue lá pras profunda dos inferno !!!* || - || E pra mode e o povaião do Rio | non cuidá mémo qui foi assim, | qui aqui na Pruvincia só tem | *ar.. lindos* vomosdebuiá a his- | tora dereita cuma foi: || O t'apareio qu'Elles... ufrece- | ro ao Pa, ra, pai, tão (*voince | disbraganhe as sibra*) de prata | so tinha o cou, apois era dessa | prata qui vem imbruiado o ra- | pé invrinizado de metá arvo. || Arrispitivo o povaião qui foi no imbaicamento do dito cujo | teve pra mais de 2 mile mémo | nesse cunsuante dixêro a *vre- | dade* acostumada: || Oie: 125 ingroçadou || 84 chupa cardo || 28 ar...lindos || 204 calunga || 50 maiorá (qui foro abriga- | do, de (sic) (*live vontade*) || E o resto pra interá os 2 mile e | tanto foi de homes de bem qui | ficaro im caza. || Isso é que foi e é a vredade | litica se *siabrada* no meio. || *Xico Girindonça*



## INT 020

Coluna: <b>Recado (Sem coluna definida)</b> <sup>33</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 3º domingo de julho/ anno I / nº 31 (3)</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**A ponte de Sant'Istevo** || Quantas veis non passou pru | riba dessa ponte arrifirida, la- | caiado prum lote de muricego, | o mais maió grandaião dos | maivado qui já se viu e a bixa | nunca feis nem *inhé*, já tando | um tanto distiorada ?! Mais | porem, cumo o arrenegado é | ajitorado pur *xujo* (pruque | Deus nem pode ta cum gente | daquela casta) foi o bixo dá | a culatra, a ponte *pam...* po- | cou c'um bando de gente im | riba, qui nunca mataro nem | robaro. || E' pur isso qui se diz ques- | se maivado tem parte cu maio- | rá de baxo. || Eu t'arrequêro *capeta véio* im | nome de Deus e da Vige Maria. || *Vaite Retro Satanais*. || *Xico Giringonça*

---

<sup>33</sup> Recado avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.



## INT 021

Coluna: <b>Bilhete (Sem coluna definida)</b> <sup>34</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 3º domingo de julho/ anno I / nº 31 (4)</b>
Gênero: <b>Bilhete</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

CATIRINA PRAGUASSÚ || Seu Nucenço Praguassú teve | á dilicadura d'ufrecê a nois uã | foia d'uã varsa de sua lavroura | cú nome arriba. || Logo qui arrecebemo, manden- | (sic)mo uã sinhora dona aplicá no | priano, quondo a dita cuja correu | os dédo no istrumento qui dicri- | fou a tà varsa fumos abrigado | a mexê c'us quarto, ton den- | guente é a musga. || Acunseiamo as moça pianei- | ra qui non dexe d'aprendê essa | varsa, apois é uã coiza e outa. || Munto abrigado a elle | pru aconsideração.

---

<sup>34</sup> Bilhete avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.



Coluna: <b>Recado (Sem coluna definida)</b>	Data/Edição: <b>1900/ 4º domingo de julho/ anno I / nº 32 (1)</b>
Gênero: <b>Recado</b> <sup>35</sup>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**A jogadeira dos bixo brabo** || Li nas foia qui o Cherfe qui assegu | ra a gente, seu Pipio Jambreira, vai | carça o pé pra riba dos bixo qui d'esta | vezizada hai de sé um tendepá grenado || E tem mais uã mérma, é qui agora | se panha os bixereiro e tira se a fizulu- | mia dos cujo pramode ficare cunhecido | do povaião im gerà. || Se *seu* Pipio fizé mémo essa brabê-za elle ta frigido, apois os mais maió | bixeiro é gente de postaião: dotou, as- | senadou, coroné e o Reis dos bixo ta | n'Oropa; mais porem de lá mémo, d'a- | quella lonjura elle fais aua xuja aqui- || Seu Pipio, voincé s'aque! Oie qui o | *papamé* é capais distirá de lá o braço | e lhe passà as unha! aquillo é animá | sarvage || *Siriaco só mais Zidoro.*

---

<sup>35</sup> Recado avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.



Coluna: <b>Carta (Sem coluna definida)</b> <sup>36</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 4º domingo de julho/ ano I / nº 32 (2)</b>
Gênero: <b>Carta</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Lustricimo S(e)n(ho)r. Coroné Zé Perêra | Capa Bode** || *Bons dia a Voincé.* || Cheguei aqui na capitá dessa Pru- | vinça e infoimdo das coiza grave qui | ta se dando nessas berada fiquei istra- | bulado. Tou aqui bem dizimcramado no | hoité comendo marmente jabá e arri | gando de puiga cheia d’aua dos ma- | roto, qui, im riba de tudo, istuciaro | metraíá azeite de peixe cum gáis pra | mode vendê mais barato no preço e | mais maió prução. || Tenho visto um bandão de coiza | bunita memo na verdade e já ton um | pinguinho intendendo da gimitria do | povaião do cumerço nas conta do caim- | bo e no negoço de assigurá a vida da | gente pra não se morrê in ante da | hora sê chegada. || No principio tomei médo das nuvi- | dade do tá congrisso, mais porém odis- | poi qui vi as falação bunita qui fais | prazê, non fiz mais juizo ruim não, e a puzição arrispitivo os vigaro. || Inhor, sim; oie qu’esse home sabe de | ingriença cuma o caçadou véio na cu- | midia dos viado!... || Infim foi um meis adivirtido qu’eu | pasei, pur isso se diz quem mais véve, | mais aprende, e eu já tou me dizas- | nando nessa labutação das governança. | Honte tava no armaizem da Ismera e | vi tá uns vadio dizendo qui o Reis | Vihinho só déxou na pruvíncia a fóime | de dicumê e aqubradeira dos impergados; | prueque tá tudo devendo nas venda e | o Reis Sibirino vai pidí imprestado | uns coconé á outros pra pagá as diva; | dixeru tombem qui um home qui se | chama *papa-mé* só tinha vontade de | se vingá do povaião todo da capitá | alimpando os cofe ca baiba e déxando | no putriou do Palácio munta méia véia, | è munto chapéo véio e munto ist’rco. || O Reis novo é home de caracte, | dizia os rapáis, tanto assim qui sahe | do Palácio a buquinha da noite e acum- | panha a purcissão de pé guentando o | pailo, de palitou sem tá atorado na | dianteira. || Oie qu’essa gente sabe de coiza! E | sitrudia de ménhã a bobage

<sup>36</sup> Carta Sem coluna definida. Não faz parte de uma coluna frequente.

non na- | dou nas cunviniença dos sriviço, apois | o home tava no portão  
do Cazaião dos | Canudinho, nesse intrin é qui vinha che- | gando os  
impergado pra mode abri o | dito cujo as 9 hora de Nó Sinhou! | Gostei de  
vê os moço fallá <ilegível> | d'essa vezizada; na cercomstança da |  
aperciação botei a cabeça fóra e cuma | tava armado de chuva, foi me  
iscafe- | dendo pra caza. || D'outa veis mando lhe dizê a V(ossa) S(enhori)a  
| as nuvidade aparicida. | aceita os osso pra apertá do amigo | intenciozo  
véio. || *Barbino Peçónha*.

INT 024

Coluna: <b>Recado (Sem coluna definida)</b> <sup>37</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 1º domingo de agosto/ anno I / nº 33 (1)</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**A' REZÃO DA FAIA** || Pruvia d'um maivado sarampão qui | cahiu im  
 riba de mim qui quoje, quoje, | qui o arrenegado me bota pra cidade | das  
 frumiga, foi qui a nossa bixinha | non poude dá o á da sua graça á su- |  
 mana passada; mais porem agora qu; | o bixo foi simbora tou impé, cum  
 Deus | adiente, e cumfuralença nos dédo pra | botá o preto no branco. ||  
*Coroné Zé Perera Capa Bode*

---

<sup>37</sup> Recado avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.



INT 025

Coluna: <b>Bilhete (Sem coluna definida)</b> <sup>38</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 1º domingo de agosto/ anno I / nº 33 (2)</b>
Gênero: <b>Bilhete</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

Ao Povaião || ta se caçando um tá Ingieiro qui a | graça delle é Cirilo, pra mode se arrifu- | gá uns páu de mamão e imbaúba | dereitos qui nem anzó e cus óco pru | dento, quelle vendeu ao governo no | tempo do Reis Vehinho pra srivi de | treveça dos trio do vapou qui vai nave- | gá de S. Migué pr'Areia || esse suplicante, diz os vadio, qui | tem outro nome deferente, mais porem | pru veiacaria dos interreçado nas tri- | mamoca da ta istrada baraganharo o | nome pra Ciliro. || *Mané corta pau*

---

<sup>38</sup> Bilhete avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.



INT 026

Coluna: <b>Bilhete (Sem coluna definida)</b> <sup>39</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 1º domingo de agosto/ anno I / nº 33 (3)</b>
Gênero: <b>Bilhete</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

O Cumbate || Se delatemo, mais porem não fartermo || No dia 14 do meis passado feis dois || anno interado qui vio a luis do tempo | *O Cumbate*, foia d'apinião qui trabaia | dentro da Capella de Sant'Antonho. | *O Cumbate* qui tem cuma iscrevedou- | maiorá seu Dotou Bernado Jambreira, | tem sabido cum valou guentá o traviá | de cumbatê contra esses *ratão* mizara- | ve, qui só quiere rué a pruinça e criá | bauba nas papada. || Pru mais esse cajú qui *O Cumbate* tem | na cacunda nós mandamo de cá os | cumprimento da gente ao persuá da | Impreza do mesmo *O Cumbate* e pidimo | a Deus Nó Sinhou qui lhe dé muntos | anno de vida.

---

<sup>39</sup> Bilhete avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.



## INT 027

Coluna: <b>Recado (Sem coluna definida)</b> <sup>40</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 1º domingo de agosto/ anno I / nº 33 (4)</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

Historas da Roça || Era meia noite véia. || eu tava bem dizincramado drumin- | do c' a muiá e c' us fio im nosso ranxo; | é quondo vejo uã berreira a de trais | da cuzinha, ahi mais qui depressa | tranco os pé da tarimba e abro a | jinella, e quondo dou cus oio im riba | duã arrenegada mula sem cabeça; ahi | non teve nada, não, dei de i mão a | lazarina corri o dédo no gatio e papo- | guei fogo na arrenegada. || Quondo a inimiga tomou a carga de | chumbo rinchava cumo o cão e lar- | gou-se pur o pasto a fora qui deu | tanto coice e dentada nos outo animá | qui nem isfraiou a bribioteca da nossas | criação toda. || A bixa deu um coice na caza de | purgá do nosso ingenho qui ainda hoje | tem lá a marca do casco da marvada. || O tropé da bixa é qui nem trivuada, | balançava inté nossa morada. || A tá nessa dita noite correu sete | friguizia qu'eu tive nutiça dos vizinho. || Odispoi de passada a vizage me dixero | qui a tá mula sem cabeça é sinha | Mariquinha da Jaqueira qui andava | na narquia cu padre Chichi (Ave-maria! Ave-Maria) || *Timote Andiroba*

---

<sup>40</sup> Recado avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.



INT 028

Coluna: <b>Camarinha das visita</b>	Data/Edição: <b>1900/ 1º domingo de agosto/ anno I / nº 33 (5)</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Camarinha das visita** || Arrecebemo essas: || *A Orde* de Cachueira. || *O Regneradou* de Nazarethe. || *O Diamantino* dos Lenço. || *A Cidade* de S. Gonçalo dos Campo. || *A Rezão* da Instança-Sirzipe. || *O Cumbate* de S. Antinho.



Coluna: <b>Carta (Sem coluna definida)</b>	Data/Edição: <b>1900/ 1º domingo de agosto/ anno I / nº 33 (6)</b>
Gênero: <b>Carta (Ofício)</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Ufiço do Intendendou da Cam- | bra da Villa d’Olivença ao Cun- | greisso da Pruvinça.** || E’ pra se avaluá quem é esses In- | tencedou cá de fora qui nós dame | essss(sic) ufiço tale e quà cuma elle iscreveu | sem omentá nem disminui. || Passo da Intendencia Municipal, da | Villa de Olivença. || Julho de 1900 || O Municipio de Olivença reprezentas | do por seu Intendente vem pedi a vóz | um auxilio para melhoramento de tres | estradas que melhorada não duvida de |melhoramento d’este municipio, pois | constitue n’ellas o acrescimento de suas | rendas municipaes; actualmente escas- | as, achando-se Sempre em luta para | concervação de duas escolla mantida | pelo recurço municipaes desde 1897 | hove aprotessão que hora o municipio | pede por entemedio do seu Intenden- | te a V(ossa) Ex(celê)m(cia) e a quantia de oito com | tos de reis que será severamente em- | pregado nas estradas denominada Ma- | ranhão, S(ão) Pedro e Caliléa, i se por | vintura há ver algum restante será em- | pregado no concerto na matriz desta | Villa, que tem como Padroeira Nossa | Senhora da Escada da Villa de Olivença, | os municipes reprezentado pelo seu | intendente espera ser attendido. || Aproveito o aoccação(sic) para mais uma | vez asegurar os meos protesto de alta | estima e concideração. || Ille. S(e)n(ho)r Presidente e membros do | Congresso estadual da Bahia. || *Manoel Nonato do Amaral* || Intendente. || Oiem bem || Os leitou arrepare direito essa tro- | gafia e ao mémo tempo a grasmatica | desse Intendedou de bobage e veja | quanta cobra e largatixa esse uriudo | gumitou n’esse ufiço.



## INT 030

Coluna: <b>Carta (Sem coluna definida)</b> <sup>41</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 2º domingo de agosto/ anno I / nº 34 (1)</b>
Gênero: <b>Carta (convite)</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

Cunvidamento || Cunvidamo ao Incellentismo Seu Do- | tou Sibirino Viéra, Reis dessa Pruvín- | ça cum sua corteja, ao Intendedou cá | Cambra toda, aos falladou da Cambra | e do Semnado, a Imprensa das Foia, | aos Vindião do Cummerço, aos Minino | Caxéro, aos ufiçia d'ufiço, ao maiorá | dos muricêgo de perna vreméia, as | Suciadade toda e ao pov aião im gerá | pra mode desse sabo a oito chegá aqui | na Villa da Canna Verde pra á buqui | nha da noite vim porvá da [ilegível] na | nossa habitação na Rua da Bunda do | Boi numbro 00, a saude d'um anno qui | feis a nossa bixinha. || tem musga de barbêro, discucêra | dos grande discucêro Manê Folou e | Mnaé(sic) Lisbôa, versos de cabeça do repen- | têro fessou Gusmão, caxaxá e samba | inté as curuja avuá. || Bricite de sereno mais im conta prou | papameléro. || O cunvidamento ao Papamé já foi | im papé de imbruio isperciá iscrivido | cum pinxe.

---

<sup>41</sup> Carta Sem coluna definida. Não faz parte de uma coluna frequente.



INT 031

Coluna: <b>Bilhete Sem coluna definida</b> <sup>42</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 2º domingo de agosto/ anno I / nº 34 (2)</b>
Gênero: <b>Bilhete (agradecimento)</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

AGARDECIMENTO || Dos intriou de minh'arma agardeço | aos dotou  
 qui s'ufrecêro pra me tratá | agora quondo eu tive a maivada mu- | lestra  
 do sarampão; e cú coração lavado | digo, cum liadade, qui quondo elles |  
 percizare dos minutos sriuçõ desse seu | criado tou as orde das Suas  
 Sinhuria. || *Coroné Zé Perêra Capa Bode.*

---

<sup>42</sup> Bilhete avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.



Coluna: <b>Camarinha das Visita</b>	Data/Edição: <b>1900/ 2º domingo de agosto/ ano I / nº 34 (3)</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Camarinha das Visita** || Mandaro pra gente essas foia: || *A Cachueira* da cidade do mémo | (sic)uóme. || *O Prilampo* da Capella de S. Anton- | ho. || *O Cumbate* do mémo lugà arriba. || *O Palino* do Juazeiro. || *A Verdade* do Curralinho. || *O Diamantino* dos Lençó. || *O Pianheiro* da Panahiba, Pruvinça | do Piauhi. || *O Mimo* da Capitá d’essa Pruvinça. || Todas trais munto boas nutiça. || Munto obrigado a todas pur a com- | sederação da lembrança. || Ispereem a bixinha da gente qui lá | vai pra barganhá. || Arrecebemo a sumana passada um | brieite arrimitido pru Manè Ricado, | drameiro qui trabaia no Atriato Carro | Gomes, pra mode ao dumingo passado | a gente i ispiá o ispetaqui im agitoro | da sua pessoa delle. || O arreprezentamento foi neste cun- | seguinte: á cuméida *d’O demonho a detrais* | *da porta e Aorde é* [ilegível], findilizando | cá ingraçada cumèida de *Pinto Leitão e* | *Cumpanhia*. || Nois non fumo pruvia de mulestra; | mas porem tivemo nutiça qui os drameiro: o cujo Mané Ricado, o tá ba- | dernista J. Casto e o J. Rebêro tanto | nas cumèida cuma nas cantiga arre- | presentaro no traviá do naturà os papé. || Munto abrigado pur a consederação do cunvidamento. || Seu Pêd’Araujo arremeteu pra essa | foia uã tigela da *Tinta* <ilegível> aper- | parada na capitá pru Luis Carretão | Borreau: || A dita cuja é pur méma iguala da | qui vem da istranjá, apois é uma mis- | tria de ton bons ingrente qui nem is- | traga a aço das penna. || Tomnbem se arretaia munto barato | nessas cunfirmidade; || N. 1. 1. Tigela de lito 2\$800 || “ 2 1 “ “ [ilegível] “ 1\$100 || “ 3 1 “ “ [ilegível] “ 1\$200 || “ 4 1 “ “ [ilegível] “ \$100 || “ 5 1 tigilinha [ilegível] “ \$200 || Tem desconto im mais maió prução. || se topa na Loja de Ped’Araujo - | Rua Cuncieiro Danta – 15.



Coluna: <b>Bilhete (Sem coluna definida)</b> <sup>43</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 3º domingo de agosto/ anno I / nº 35 (1)</b>
Gênero: <b>Bilhete</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Arripitivo o niversaro da bixinha da gente** || *A Coiza*, foi munto ingraçada e caçu- | ista qui trabaia aqui dento da capitá a | sumana passada vendo a isprementa | da vadiação pra hoje qui teve aqui im | caza, ficou no cuidado qui já era o ni- | versaro; antonce pra dilicadura de bon- | dade e camaradêza ufreceu a nossa | bixinha casa mudinha no taco das | *Brijirica*: || Aniversário da << Foia dos | Rocêro>> || Fez anus oje dos rocêro as foia || I eu cem cê ingrocêro || Vou a vadiação do Capa Bode || Cem cahi no imbirrêro || Vou os anos já dixei, sou grenado || Pur tá n' uãs função, || Vou de duro mettê minha quexada || Dos hóme nos pirão, || Vou botá falação, das horas vaga || Sou munto discucêro: || deus NouSinhou qui dê anus de vida || *As Foia dos Rocêro* || *João Bandalho* || Os nossos camaradêro (sic)véioAfredo | Costa e Antonho Barandão arremeteu || a *Foia* um papelão de abri e fechá ou'as | pumbinha im riba e duãs fulou pintada | no dito cujo e cum esses dizê: || Ao S(e)n(ho)r Coroné Zé perêra capa Bode || pelo 1º aniversario das Foia dos | Rocêro, || Comprimenta-o o(sic)] || Amigos e Criados, || Afredo Costa || Antonio Brandão

---

<sup>43</sup> Bilhete avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.



Coluna: <b>Recado (Sem coluna definida)</b> <sup>44</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 3º domingo de agosto/ anno I / nº 35 (2)</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Uã do home qui tem o A' | Lindro e qui E' FOGOSO** || Esse ta arriba arrifirido duã feita | tava mémo nuã limpeza da gibéra | turuna, antonce o qui fais elles soube | da nutiça qui um sinhou, home de | consederação, habitante da cidade de | Sant'Amáro, quiria pissui uã caza véia | distiorada qui tem aqui im certa cuja | rua, o bixo tanto caçou o ta home | inté [ilegível] topou, ahi non teve nada, não | fis a qpreposta(sic) de vendê a dita cuja | dizendo qu'elle era o prupiatáro e foi | logo guentando 500 facho do pobe im | ante de passá as criatura. || No outurdia o [*gelado*] cunveçando c'um | amigo arrispitivo a compra qui feis | esse lhe dixé: “Quó F... aquelle in- | divido lhe furtou, apois a caza nem é | d'elle, não, || ..... || Dixé o cujo home a gente: “Meus | amigos, há munto custo pude arrecebê | 200 min rei !.. O resto ?... adeus, | sodade!. || Agora non se sabe o qu'esse ta, qui | tem o A'... LINDRO, feis c'us deis | cunto de briantaria qui o véio Piroca | Vianna, *deu de prezente a elle !!!* || *Xico Giringonça*

---

<sup>44</sup> Recado avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.



Coluna: <b>Sem coluna definida</b>	Data/Edição: <b>1900/ 4º domingo de agosto/ ano II / nº 36 (1)</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Cuma foi a vadiação do niversaro da bixinha** || Houve sem havê distranque nem | cunxunbrança ninhuã o forgmédo im | regulença do premèro anno, qui Deus | louvado, via a lúis do tempo esse | papé iscrivido qui se [b]otixou cá graça | de *Foia dos Rocêro*. || No sabo passado ahi puro só quebrá de média imbocou na nossa tapéra' | aonde se bota o preto no arvo uã | gaderma de gente. || No meio desse arrifirido persuá de | povo se acumpariceu os sembrantes | de muntas *Voças Sinhuria* e de arguãs | *Voças ncellença p'ra* sodá nois. || Ahi pur a buquinha da noite sevia, | non é ingroçadura, não, as róia pocá, | as tigela trincá e o *ingute ! ingute!* da *ar- | vinha* decendo macio nos gurgumio da | rapaziada; nisto, é quondo nois viu uã<sup>45</sup> | tunda pra baxo, ahi botemo a queréca | da banda de fóra e dèmos cús oio im | riba d'ua pareia, era seu Bertú e seu | Prexede, os dois cumpade<sup>46</sup>, camaradêro | liá da nossa labutação, qui vinha tombem | s'alotà na vadiação pr'a *ingroçá* as *ba- | dernança*. || Ambulos doi, dixéro quondo porvaro | a ta ceiveja qui nem quiria *mijo d'èua*, | apois tavom acostumado era cá [ilegível] | [ilegível] [ilegível] seu Prexede pediu prefe- | rença nas palavra, metteu a mão dento | do mocó e rancou do intriou um papé | iscrivido e isprivitou nesse cunsuante: || “ Coroné véio, d'essa feita ton grenado | inhor, sim, pruke sou home de com- | séderação e caximonha, mais porem, | m'acredite qui o juizo tá arrizinando | qui nem caza de puigá. || O cauzo foi n'esse cunsiguiente: tando | a nossa muié cá barriga pur a bocca | e tando fartando quinze sumana prou | vivente vim a furo, e quorqué hora | d'essa tou vendo na vista dos óio qu'o | buxo da púbizinha non hai mais pron- | de ispixe, e é aquelle trouvêjo, papoca | aquella bobage e lé se vai cum todos | los diacho muié, fio e tudo pras pri- | funda dos inférno. || Ora munto bem, lé vai a prémêra. || Colodino, nosso fio, já tava

<sup>45</sup><ã> subscrito.

<sup>46</sup> Referência a dois personagens de uma coluna do folhetim.

pur esse | tope... trabaiadou, oixen! qu'era um | kago. D'uã feita foi turá  
 uãs abéia, | atrepou n'um pé d'angico, e toca á | atorá... non sei cuma foi  
 dizapregou | lá de riba de cabeça a baxo, ou sar- | cêro tirrive, meu Coroné,  
 n'é pru sê | meu fio, não, o muleque furou o chão | pra mais d'uã tarefa;  
 topei no cabo de | dois dia carniça pura. || Ora munto bem lé vai a sigunda.  
 || Incremença, sua afiada, foi atorà uns | cavaquinho de lenha nas goivura,  
 quon- | d'ella chegou assim n'uma moita de | cambotá ella viu foi aquella  
 coiza fazê | um remoço dento do mato e fazê pur | aqui assim: bé! Coroné  
 de minh'arma, | calé bôca, era o fio d'uma vaca ariva- | çan qui tava  
 iscundido; n'isso cú fio | berrou a mai urrou e frescou im riba | da minina,  
 ai ! Coroné de Deus, a po- | bizinha tamou xirfe inté uas capella | dos óio.  
 || Ora munto bem, lé vai a tércêra. || Pelonha já tava cum duzoito anno, |  
 era uã tora de muié de fazê distraviá | quorqué home. D'uã feita,  
 desaparegou | uã dou de dente na bocca, lá d'ella, | qui a minina mudava de  
 cou cuma foia | de buri; so turtemo garrá Deus No Si- | nhou e mettê na  
 bocca do diacho, mais | quá nada, a dou era dou memo; ahi | mandei chamá  
 Ziquié, qu'é dotou abaz- | lizado qui vinse im riba dos pé tirá um | dente  
 na bocca de minha fia. || palavras non era dita o cujo imbocou | na nossa  
 tapéra cá troquéis na mão; | n'é mintira, não, a bixa tinha esse qua- |  
 drado... na circumferença do tamanho. || A minina quondo viu o ferro  
 papo- | cou na catinga, non foi nada, não, gra- | tiei a muleca pur os cabelo  
 eu Zi- | quié, Prifane, Colodine, Incremença | Druvige Miligido e  
 Infricidade e um | lote de gente joguemo a cabra no barro, | abrimo a boca  
 d'ella e eu diche pur | aqui [assim:(sic) mêtta o ferro dotou elle | ahi  
 priguntou: “Quolé o dente?” eu | ahi arrispiliquei: o de baxo elle dixé<sup>47</sup> |  
 “Mais qué é?” eu tava já danado cum | piadade da minina dixé: ‘Eu  
 tombem | inoro, vá tirando os outo qui há de | chegá a monção delle,  
 Coroné, vi'cum | esses oio qu'á terra fria hai de cumê, | o ferro intrá e pegá  
 o qui tava mais | péрто, quond'elle deitou o coipo pra | tráis e dixé: aguenta  
 !... eu vi foi o | maivado do dente sahi, mais porem cá | quéxadas e tudo,  
 na hora de Deus. A | pobizinha isticou as canella qui foi um | dispruzê, nem  
 dixé mais ai! Jizuis... || Esses dissubouros todo já vê voincê | seu Coroné,  
 só tou aqui pruke, cuma | já dixé, sou home c'arricunheço os c[a]- | rate

---

<sup>47</sup> Observa-se nesse texto pouco cuidado com a pontuação, marcando um discurso corrido.

crespo dos home de sonséderação, | cuma voincê. || Inda mémo assim  
ainda tou ca Info- | loreença de rapais moço na fulou da | mucidade, qui tá  
cus pórmão talentozo | pra mode guentá déis canada de *ispi-* | *liquitrina*  
bebendo na saúde das, Foia | de seu Coroné., || Seu Bertú tombem a a(sic)  
ficou atrais, | não, imendou a fallação qui feis prazê | as purnunça do ditto  
cujo; antonce ahi | odispoi da discucêra a vadiação triou | na infuloreença  
inté as curuja cortá | mortaia im riba do teiado. || Nó Sinhou é quem hai de  
pagá aos | moço qui s'acumparicêro no nosso fo | guêdo, pur a  
consederação da prezença | das sua nobe pessúa de bondade. || Pruvia de  
no havê lugá nas parede<sup>48</sup> | da *Foia* pra sumana antonce apribi- | quemo as  
fallança de seu Bertú.

---

<sup>48</sup> “Parede” para se referir a “coluna”.



INT 036

Coluna: <b>Camarinha das visita</b>	Data/Edição: <b>1900/ 4º domingo de agosto/ anno II / nº 36 (2)</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Camarinha das visita** || Mandaram pra gente essas foia: || *A Gazeita Rurá* do Marceió. || *O Ideá* da Parahiba do Norte. || *O Matuto* das Alagoa || *A Rezão* da Estança Sirzipe. || *A Cidade do Curralinho da mesma cidade* || *O Rato* de Sant(o) Antonio. || *O Cumbate* da Capella || *A Vredade* Cidade de Castro Arve || *A Carchuêra* da méma cidade do nome. || *A Orde* do memo lugá || *O Lira* de Murgugipe. || *A Cidade* de S(ão) Gonsalo dos Campo. || Deus lhe pague a todos. || Lé vai a Foia da gente pra barganhá. || Mandaro pra gente essas foia;



## INT 037

Coluna: <b>Recado (Sem coluna definida)</b> <sup>49</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 4º domingo de agosto/ anno II / nº 36 (3)</b>
Gênero: <b>Recado (convite)</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

LOSTRAN || O maiorá do Matatú, Capitão Genezo | Cueio dos Santo, Droguêro, cunvida o | povaião das bêrada do Dirque a vim | a menhà armoçà de menhã, jantá de | tardinha e ciá de noite no seu rancho, | pruvia de fazê niversaro n'esse dia d'a- | ménhã dumingo quorenta anno na ca- | cunda, cunforme Deus No Sinhou foi | srido. || Non farte rapaziada qui a badérna | dêve ta !... || Villa do Conde || Sorrater || Oiem bem || Hai bondes isperciá as 5 hora da ma- | drugada impariado cú da Barruquinha.

---

<sup>49</sup> Recado avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.



INT 038

Coluna: <b>Recado (Sem coluna definida)</b> <sup>50</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 1º domingo de setembro/ anno II / nº 37 (1)</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Ao povaião im gerá** || Pra sumana, se Deus quizé e | non mandá o contraro, vai sahi | uã figura afigurada na prmêra | custaneira dessa Foia, subra | essa baraiada dos balançamento | dos conconé da pruvinça. || E' isgrimimente uã nica qui | se dá pra mode se ri inté duê as | tripa.

---

<sup>50</sup> Recado avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.



Coluna: <b>Relato dsobre o aniversário do Jornal</b>	Data/Edição: <b>1900/ 1º domingo de setembro/ anno II / nº 37 (2)</b>
Gênero: <b>Relato</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**As fallança de seu Bertú na noite de niversaro** || *Poro no de Deus e meus irimão* || Eu cá pru mim non sou dos tale | home rigingamento, nem aperceio | dale qui não dale, minha purnuça<sup>51</sup> é | imparaiado cás minhas ocção e os meus | tê cum meus havê; e puro cum siguinte | non tou ingroçando o seu Coroné, inhor, | não, nem tombem as foia iscrivida pur | o dito cuiio Coroné; mais porem quon- | do arricibi a tale carta qu'este amigo | véio de muntos secro, qui n' é d'hoje | nem d'onte cui nois nos vê, nos cu- | nhece e nos qué, m'aparticipando c'as | foia de nois tava cú prémêro anno nas | nas(sic) portaria de diente e qu'eu non | faiasse d'aparcê p'rajitorá a ingrocação | das badernança, qui havêra de dá damor- | Im graça a nois, elle cuma pissuinte | das cuja foia. || Mais creia voinces q'u'eu(sic) tava apran- | tando as maniba nas varge de Colodi- | na nossa muiè, é quondo Requé, nossa | fia, briquit[ilegível] o tale brieite pra nois | uvi. || Ahi nesse intrimirim dei um tanto | ou quanto de mama ao rabo d'alazau, | botei os miolo pra pensá, topmei bença | a um caco véio de mai e sahi de troito | cabeça baxo. || C'um arresquarto de duza de dia || papoquei a bocca do istambo ná villa | da Cana Verde, e aqui tou nas bera | de seu Coroné, t'aqui essa jirimu | qui seu criado Bertulameu Oléro Christo | de Deus do Coito lhe põe nas mão. || <sup>52</sup>Sou bixo qui non cambeco, || Sou pé de páu de truvêjo, || Nos terrou eu nem ispeco, || Inté baraiio isbarêjo. || Ao Curoné non hai quem vença, || Ismiuça, bunza, ménsa, || [ilegível] e iscramelença, || Ah! Coroné de saberençu || Cu'essa coité de laprinja || Cum réno amusturado || Vou gaigatá de pé ispaiado || Vivou as foia dess'arruado || Dos home da Cana Verde || Seu Coroné ta o prémêro || Vivou o véio Capa Bode || Vivou as Foia dos Rocêro. || Eu non quero

<sup>51</sup> Mais uma alusão à fala dos roceiros.

<sup>52</sup> A partir daqui, começa uma série de quadrinhas.

fallá mais, não, || Eu não quero fallá mais não || Vivou esse mizarave home  
|| Qui é home de consederação.

Coluna: <b>Carta (Sem coluna definida)</b> <sup>53</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 1º domingo de setembro/ anno II / nº 37 (3)</b>
Gênero: <b>Carta</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Resposta do pedimento de casamento** || Fazenda da Cabecêra, segunda fera | de menham || Sôr Mané da hora(sic) || Saude e paternidade, us minino tão | contente qui fais gosto, qui ninguem | pode aguentá e Sinha Antonha em | berros. Arricibi sua zonzada carta i | não lhi arrespondi a mais tempo pru- | mode uma buziguada de doença qui | ta cá in caza. Antonha minha muier | sua futura sogra tá munto desavexada | de uma pingueira qui lhicahio(sic) im riba | da cama dela na tabu da facia, lá | della drumindo, as carreira mandei cha- | má Sôr Simão da beira du rio pra rezá, | nada ranjou, intonce mi arsorvi dà | uma garrada qui a miorô. Maria munto | dezacommoda do armoço de minha | rabada du boi azeitão di um gumitôro | de pataconha cum ajudôro de buxo foi | qui mioró i agora-se tá cum roncôio<sup>54</sup> na barriga. Eu bem vi qui o arvorço | di Maria a treis sumana pra cá era | trem, ella tammem leva suas coiza i | fais colunnia cum dinheiro di ovo de | gallinha de pirú ells comprou a Besta | de tia Ritta trocou cum cavalo de | sela de muier qui não déxa pinicà | ispora ca barriga delle. || Eu pra mim e Antonha deseja qui | ambolos dois se arranje jamais praque | não quero dá Maria á esses móço adi- | virtidos qui só sabe andá saracutiando | cá viola e cá gáita i não são pôco qui | anda na beira della || Seu futuro sogro. || Mané N[ilegível] || Nóte bem. Si vamicê tivé cago | mande um pra tirar os figo pra fazê | remedio pra Maria.

<sup>53</sup> Carta Sem coluna definida. Não faz parte de uma coluna frequente.

<sup>54</sup> Observar uso do clítico *se* junto ao advérbio agora.



Coluna: <b>Carta (Sem coluna definida)</b> <sup>55</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 1º domingo de setembro/ anno II / nº 37 (4)</b>
Gênero: <b>Carta</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Cidade do bonfim da Villa nova | 20 de Agosto de 1900** || Lustricimo seu Zé Perêra Capa bode || Fasso estas duas rega a vossa incel- | ensa pra mode arreprentá a voci- | nhoria meus cumprimento, prueque no | Sabo a fia de vamicê fez anno, a foia | dos rocêro, mais creia vamicê que ainda | lhe arremêto meus cumprimento a vossa | incelença prueque gosto, dum home sem | mêdo desse lote de bandaio, qui tá | cumendo o povaião desta pruinça. Se | Coroné pode creiá, queu tô mêmo in- | trupigaitapo cum vamicê, pruvia de | sua coraje; apois ole, qui se vamicê | fosse feme eu ia lhe tomá pra mia | muié. Peço a vamicê qui arreprente | a seu Zé Corajudo um tiquinho dos | cumprimento qui lhe dou, pur razão | delle tê abutuado o bitello qui elle | levou pas Oropa. Não adiento mais | nada pruequê nem sei se vossa inselensa | me arreceberá cum prazê e aligria, mas | porém se vamicê me arrespondê na | sua bixinha coisa qui me alegreça, | antonse vou la ajudá, cus pudê da | Vige Maria, pramode nos i discubriendo | as mandroca dos bitelo qui tá ruendo | agente; apois cá pru riba tamém tem | bitelo damnasco(sic). Pode mandá suas orde | a seu Am. Adimiradô.  
|| *Pêdo Xaga do Rêgo.*

---

<sup>55</sup> Carta Sem coluna definida. Não faz parte de uma coluna frequente.



Coluna: <b>Carta (Sem coluna definida)</b> <sup>56</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 2º domingo de setembro/ anno II / nº 38 (1)</b>
Gênero: <b>Carta</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Carta de riba** | Mata-fome, no córgo do meio, do | Chique-chique, na ingazeira. || Dia de Son Siriaco. - || *Meu véio Coroné Capa Bode* || Cum Deus e cá Vige Maria lovado | seja No Sinhou Jizuis Christo, pra seu | sriviço e de toda sua brigação, pru | insinamento do pade seu vigaro e da | Sonta Missão. Amem. || Apois saberá Vó-siuria qui nois tudo | d'essas berada dos Campo do Rio de | Sson Francisco arrecebemo a *Foia dos Rocêro*, qui o fio do apitan Timote da | Lágôa nos leu desna as letras gran- | dóna inté as piquinininha toda, srivido | Deus, sem guêguê nas purnunciação. || Antonce nois viu a histora toda do | Vihinho papa-mé, e nois dixemo, antão, | qui cuma vanceis tava lá pru baxo | qui non soubero as tranzação toda do | subidito cujo supilicante, qui feis n'essa | cerconferença do triangro do Rio, pru | mode os bundão de seu Mané Marti- | liano do lémueiro, qui trôve os pava- | ião d'essa nação tudo assombrado de | poiva e chumbo. || Cumeçaro, no pricipo, apois não, cum | seu Sivriano qui juntaro a jaguncêra | no porto de Santa Maria e se alotaro | a cabraria do Capitan Chico Rocha, | pur infulorença do subidrito cujo *papa- | mé*, qu'era o cherfe e antonce fôro tudo | cabeça arriba inté a Jinuara qui, (Vi- | ge Mãe de Deus!) fizero um fogaião | qui mataro muêres, as image pur as | rua e os rilicaros todo truvéro c'um | bandão de trem, qui robaro das caza | dos cidadões e vinhéro c'á ta bagage | rio abaxo inté os porto de Carinhonha | e Bom Jizuis. || Adispoí ficaro os cujo cum seu Chi- | co Rocha no Bom Jardim, pruvia do | *papa-mé*, qui mandou elles todo atacá | as pavuação da Maiada do Mané Mar- | tiliano, pruvia de ficá elle sinhou mai- | orá de toda as bérada do Rio. || Cum perdão da palavra, pr'a cabá | os bundão, nesse intrin seu Chico Ro- | cha atacou a Maiada e mataro tudo, | tocaro fôgo e robaro mile cabeça de | gado, qui vendêro, cumêro e

<sup>56</sup> Carta Sem coluna definida. Não faz parte de uma coluna frequente.

o resto | tiraro o côro pra vendê na Cidade da | Barra; inté qui Dotou  
Marianio arriu- | um lote de gente qu'atacaro elles | e chotaro pra fora. ||  
Chicão Catinguêro. || (*Cuntinua pra sumana*)

INT 043

Coluna: <b>Bilhete (Sem coluna definida)</b> <sup>57</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 2º domingo de setembro/ anno II / nº 38 (2)</b>
Gênero: <b>Bilhete</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Pru mode as duiva** || O suplicante qui s'assinou pru baxo, | adecrara qui vêio a puvuação dessa | cidade no priciposto de fazê as conta | cas foia qu'elle arreprezenta lá fora: | *O Diaro das Nutiça, A Bahia e as Foia | dos Rocêro*, e qui ficou cus pudê de | Deus, disabrigado nas conta. || E quem tivé mérma c'apareça. || Visgulino Antonho Basto || *Opremêro home do cordão de N. S<sup>a</sup> | de Nazarete pra riba*)

---

<sup>57</sup> Bilhete avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.



Coluna: <b>Carta (Sem coluna definida)</b> <sup>58</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 3º domingo de setembro/ anno II / nº 39 (1)</b>
Gênero: <b>Carta</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Carta abrida a Dr. Barandão** || *Illuntrismo Incellentismo Sinhou* || Isprivitemo no *Diario* uã carta de vo- | siuria qui dava o ventaro im vida do | qui pissue voincê, pra mode amostrá | ao povaião im gerá qui os seus tê foi | herança herdada e nanjes qui os seja azu | nhado da Pruvincia, quondo vó-siuria | teve cá vara guardadou dos com- | coné, cumo *diz os abiúdo*. || Quondo quorué supilicante se vê na | impricidade de fazê o seu ventaro im | vida, é prueque esse mémo sipilicante | tá se vendo acoxado no sufregante; | quem lh'acoxou? || Arrispitivo o seu ventaro non gostei | munto, não, vó-siuria mi hai de perduá. || Pra que agora voincê ta qu'essas | coiza? Quem é qui qué sabê das bri- | antaria qui voincê pissue e qui pru | ficá fóra do traviá do uso voincê man- | dou indereitá a moda? Quem é qui | qué sabê quonto lhe rendeu os mé de | seus ingenho? Quem é qui qué sabê | aonde é qui tà seu dinheiro e aonde | non tá? No finá das conta, quem é | qui pode sabê si é isso mêmio qui vó- | siuria pissue ou se ainda tem conconé | ou prupiadades im nome barganhado? || Non venha cum isso , não; prueque | se sabe qui cachorro sabido sa[corroído]be is- | condê o osso. || Pra nois, seu Dotou, a carta de vó- | siuria tem munta istuça nos dizê, qu'- | inté é capais de fazê as péda dos lagêro | chorá pru vê cumo um *pobe nucente pa-* | *dece tanta caluna !!...* || E' isso mémo, seu Barandão, quem | acupa um postaião d'a[espaço]quelle qui vo- | incêacupou siturdia, sempensai(sic) cum nome | zuim; prueque ainda mémo qui o supili- | cante seja *séro*, cuma foi voincê, o papa- | mé, seu Rui Barboza o seu Ramaio | d'Amazona e outos mais, *a farropia* | [ilegível] diz logo qui tem visgo de jaca | nas unha. || mais uã coiza: diz os abiudo qui | voincê herdou, é bem verdade, essas | bemfeituria, mais porem qui botou pra | mais da metade *na vadiação das quorenta* | *e oito*; lá isso non sei; agora se fosse |

<sup>58</sup> Carta Sem coluna definida. Não faz parte de uma coluna frequente.

no *banho de lambique* eu dizia qu era(sic) | histora, apois vó-siuria non caricia gaztá | dinheiro, praque tem de subeja nos | ingenho de voincê. || Ah gente mizarave prá gostá de | xujá a [ilegível] dos home *zonrado !!!* || Agora elles cum voincê sai tudo | perdendo; si o *balancêro da Pruvíncia* ficou | imbruiado pra secro sem fim , quonto | mais oqui(sic) vósiuria pissue qui só Deus e o | diacho é quem pode sabê no certo. || Déxe quelles falle, seu Dotou, qui | mais tarde, ou mémo já quessa carta de | vó-siuria, elles callarão-se-há-sehão.<sup>59</sup> || Do cirado da nobe pessoa Zonrada | de vó-siuria. || *Coroné Zé Perêra Capa Bode* || (Arrispitivo os 350 conto qui diz os abiudo tive | sabendo qui é histora || Ou gente da lingua de tamanduá!)<sup>60</sup>

---

<sup>59</sup> Observar essa construção de mesóclise com dois clíticos e duas marcas de futuro.

<sup>60</sup> Em nota de rodapé no original, após a assinatura da carta aberta.

INT 045

Coluna: <b>Bilhete (Sem coluna definida)</b> <sup>61</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 3º domingo de setembro/ anno II / nº 39 (2)</b>
Gênero: <b>Bilhete</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Carta d'um fazendeiro** || *Amigo seu Ciliro de Soiza* || Incruzo vossa mercê topa um boi | arvação, qui vossa mercê inzamine pra | vê se serve pra carne de vaca. || Do seu criado || *Olero Bispo*

---

<sup>61</sup>Bilhete avulso. Não faz parte de uma coluna frequente. Mesmo o início do texto se apresentar como uma carta, a estrutura se aproxima mais de um bilhete.



## INT 046

Coluna: <b>Bilhete (Sem coluna definida)</b> <sup>62</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 3º domingo de setembro/ anno II / nº 39 (3)</b> <sup>63</sup>
Gênero: <b>Bilhete</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Oiem** ! | O prupietaro qui é dono da Tabaca- | ria Prano do Churriou Gonçarve ta | cutinuando a queimá sem sê no [mancha] fogo) | os cigarro: || Dandi, Cramilita, Péula, Litre Stá, e dicéta e tá pru dois tõe e meio cada | cartimiha e a tres tõe e meio os dito | da marca Surpreza. || Tobem tá vendendo um assur[mancha] | mento assurtido de charuto, cigarrilo, | mortaia de paia e papé, pitêra, saqui- | nho qui ispicha pra fumo e cigarros de | versas quolidade, qui non hai quem | incoste. || Tombem vende im retaiio como im | pruçãõ, qui non hai iguá nos preço. || O déposto da Fabra de Ferreira | Cardoso & Comp. É só na dita | Tabacaria delle || *Ogêno Loleiro*.

<sup>62</sup> Bilhete avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.

<sup>63</sup> Esse trecho é uma espécie de “recado-propagadanda”, um gênero híbrido, que se repete em outros números da foia (Ex: n 40)



Coluna: <b>Carta (Sem coluna definida)</b> <sup>64</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 3º domingo de setembro/ anno II / nº 39 (4)</b>
Gênero: <b>Carta</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Carta de riba** || *Continuamento* || Mata-fome, no corgo do meio, do | Chique-Chique, na ingazeira || Dia de Santa Pelonha. || Meu véio Coroné Capa Bode || No Sinhou teja cum vo'siuria. || Vou lhe isprivitá o restante da his- | tora. || Apois saberá vossa-mercê qui o tale | Mené Martiliano mandou logo a ca- | brainda atacá a jagunçada dos bundão | do *papa-mé* e morrêro tudo na impuêra, | nanjes qui se sablesse o numbro mais porem | contou se os lofe delles todo qui ficaro | boiando im riba d'aua: prunque os arrispi- | tivo [ilegível] do tale Martiliano era tudo | cuntrar o *papa-mé*, pruvia q'uelle im- | baraiava os negoço da pulitrica de | Chique-Chique, qui na vara da justiça | dos Orfo qui o subidito cujo arramatou | o fazendão de, || (sic) No-Sinhóra do Rozaro da Barra, a | mais mió d'essas bérada, cum mile e | duzentos bizerro, pru doze conto! || Vossa mercê non sabe esta histora, | antonce vou contá, cús pudê de Bom | Zizus<sup>65</sup> da Lapa, qui me dê vida e sa- | ude; e vancê qui veja prunque da malinha | do corr[corroído]jeio tê de viajá n'est'orinha e o | increvedou istá arriliado dasi oiça, pru | rezão de im quorqué dos dia cum sua | licença cabo a histora. || Vige!... o papé já s'acabou-se<sup>66</sup> to- | dinho e antonce inté pra sumana. || Seu vaquêro. || *Chicão Catinguêro*

<sup>64</sup> Carta Sem coluna definida. Não faz parte de uma coluna frequente.

<sup>65</sup> Caso de despalatalização.

<sup>66</sup> Duplo clítico.



INT 048

Coluna: <b>Taco dos Apidido</b>	Data/Edição: <b>1900/ 3º domingo de setembro/ anno II / nº 39 (5)</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Taco dos apidido** || Transfugas desorientados e sem tino, | torbulentos incansaveis e autores de | quanta perversidade e desmando foram | bastantes para envolver na triste com- | fusão o que há de mais puro e sublime | na sociedade. Intolerantes desbragados | e demolidores da M. Bahiana, o vosso | falso oriente desaparecerá cumo ger- | minou-se da intriga, pois, de longo | tempo assim tem dado causa a grande | retirada de [ilegível] || Os da rua de Baixo, os Albions e | etc, triumphantes ufanão-se de manter | o principio da sublime Ord. M. e, | escrupulosamente, se acautelam das ar- | rioscas dos bandalhos. || VA. AL. Jc. F. JV.<sup>67</sup>

---

<sup>67</sup> Observar um tipo de Norma lingüística completamente oposta ao propósito do folhetim.



Coluna: <b>Recado (Sem coluna definida)</b> <sup>68</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 3º domingo de setembro/ anno II / nº 39 (5)</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Avizamento de corage aos inleitou do premêro | distirto da capita.** || Toma tenença, meu povo !!! || Agora é qui é votá e dá certo. || Inté antonce inleitou era bobage pru | mode as bandeira das ata farsurenta | e da gimitria de contá voto. || O *papa-mé* deu forá, graça as lei qui | non lhe primitia mais um dia nas | governança; agora é seu Sibirino, qui | é home, as dereita; qui qué o qui é... || Hai d'havê inleição pra farta do finado | difunto Jasme Villas Boa e o incurcado | contra o [ilegível] do *papa-mé* é seu | Augusto França; e pruvia dessa mérma | o maivado *ratão* é vem pur ahi a dento | d'aua saigada, botando os bofe afora, | pra fazê a trimamoca cu tà Freira. || Abra o oio rapaziada! || Vomo cás pestana fechada dá o voto | da gente a seu Augusto, e é pru mode a | simvirgonhiça do *papa-mé* qui eu (sic),qui sou inleitou na friguizia da Sé, cunvi- | do a boa rapaziada pra dá um fora de | papouco. || Seu Trantú e a gente delle é um | lote qui nem néga fogo. Im Sant'Anna, | Pedo d'Arcanta e Sant'Antonio tudo | tá cum tenença. || Minha gente, vomo guardá o véio | Zama pr'outa cazião, agora a coiza é | pru dizforo. || Posso ta discançado no pidido qui | faço de pubrico? || Viva os inleitou do premêro distirto! | Vivou! || Viva a rapaziada qui vai votá sem | pavou nem medo ! Vivou! || Morra o bicho mais a gente canaia | delle! Morra || Pra baxo fios do xujo! || Pra baixo maivados! || Agardicido desd'hoje m'assubiscrito | pr'amenhã. || arrespetadou e criado || Mané Celedonho.

---

<sup>68</sup> Recado avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.



Coluna: <b>Camarinha das visita</b>	Data/Edição: <b>1900/ 3º domingo de setembro/ anno II / nº 39 (6)</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Camarinha das visita** || Mandaro pra gente essas foia: || *O Cumbate* da Capella || *O Paraguassú* de Son Feli. || *A Cidade* do Currealinho. || *A Lúiz* da Capitá Foia qui travaia | im isprimitismo das aima. Prêmero | numbro || *O Mimo* da Capitá. || *O Futuro* da Villa Nova. || *O Prilampo* da Capella. || *O Palino* do Juazeiro. || *A Vida Valenciana* de Valença. || *O Cumbate* da Capella. (sic) || *O Arrigeneradou* de Nazarete. || *O Liro* de margugipe. || *A Cachueira* da méma cidade. || *A Nova Era* Margugipe. || *O Praguassú* de S. Feli. (sic) || *O Papagaio* das lavra Pruvíncia de | Mina Gerá. || *A Orde* da Cachueira || *A Vida* da Cachueira. || *A Patra* de S. Feli. || Lé vai a nossa bixinha pra bragunh[á] || -.- || Arrecebemo pru bondade do fessou | Dante Zé de Soiza uã porca da larva | delle, chamada *Eu tu e elle*. || A tá porca fais prazê se tocá, non | só im istrumento d'assoprá ca bocca | cuma de dedo de corda. || Pilicaro briquitou ella na viola e Izebe | no cavaquinho, qui a bixinha saluçou | nas corda. || -.- || *A Dereção das Currida d'Animá* ar- | remeteu pra gente dois brieite pra | mode nois imbocá na vadiação esse | resto de anno inteiro; antonce pruvia | dessa consederação, quondo havê os | currimento, o Coroné vai vê se leva | um animá ispaduado qu'elle tem, pru | nome Sereno, pra vê se o bixinho cor- | rendo s'indeireita os quarto. || Munto abrigado. Nó Sinhou Ihe pa- | gue a lembrança qui tava isquicida.



INT 050

Coluna: <b>Recado (Sem coluna definida)</b> <sup>69</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 4º domingo de setembro/ anno II / nº 40 (1)</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**E' vem o rataião !!!** || Arregala o óio, gente!... || **AO REIS SIVI!!!** ||  
 Voss'Incelleça aperpare sua gente e non dru- | ma, qu'eu arricibi uã nutiça  
 qui seu Zé Cora- | judo me mandou-me<sup>70</sup> a mim pur *arame aren-* | *guero*  
 qui inté o fim desse meis, qui nois tomo, | vem cu rataião,,(sic) qu'elle  
 levou pras puzição de | Parizo d'Oropa, antonce achava bom qui Voss' |  
 Incelença mande fechá bem fechada as caxa dos | conconé da Pruvíncia e  
 im riba bote guarda nas | porta, qui o bixo mais os calunga ingrocêro | pode  
 quere azunhá o resto qui ficou. || O cauzo é séro!... non se discuide, meu  
 véi- | o!... oie qui o bixo tem istuça do xujo!... || *Coroné Capa Bode*

---

<sup>69</sup> Recado avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.

<sup>70</sup> Duplo clítico



INT 051

Coluna: <b>Recado (Sem coluna definida)</b> <sup>71</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 4º domingo de setembro/ anno II / nº 40 (2)</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

AS FAMIA!!! || Senhoras Dona, se voinceis tivé toicinho e | carne na dispença qui isconda bem iscundido, | qui tevê panella no fogo qui tampe bem tam- | pada, qui tivé briantaria qui guarde bem guar- | dada no fundo d'Area, feche os bahú, as gaveta | e os armaro, qui o mais maio rabudo de dente | de cueio d'essa Pruvíncia bota as unha im terra | n'esses oito dia, infallive, evem cum fome [mancha] ca | sirria amolada, qui vem brabo o [ilegível]. || As orde de Sinhóras Dona. || *Coroné Capa Bode*.

---

<sup>71</sup> Recado avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.



INT 052

Coluna: <b>Recado (Sem coluna definida)</b> <sup>72</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 4º domingo de setembro/ anno II / nº 40 (3)</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

AO VINDIÃO!!! || Saberá vó-siurias qui arricibi uã nutiça de | seu Zé Corajudo, qui é vem no fim d'esse meis | cú mais maió ruedou d'essa Pruvinça, e anton- | ce acunção a vó-siurias qui a[c]hava mió fechá | as porta das venda do cumerço de voinceis, ou | alias qui tire as amostra, feche as vidraça, os | cofe e as gaveta, apois, vó-siurias bem qui já cu- | nhece as malineza desse dito cujo anicéto brabo | e férois, qui dexou a Mulata Véia [ilegível]. || Do [corroído][c]riado de vó-siurias. || *Coroné Capa Bode.*

---

<sup>72</sup> Recado avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.



Coluna: <b>Recado (Sem coluna definida)</b> <sup>73</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 4º domingo de setembro/ anno II / nº 40 (4)</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**A rapaziada!!!** || Mininos!abra o óio!... quem tivé dinhê- | ro e relojo na gibeira e ané nos dedo | qui dêxe im caza bem guardado, qui | aquelle anicétco qui féis aquella barueira | no dia Bringéia e qui foi pras puzição | de Parizo pra mode se vê a raça d'elle, | vem ahi no fim d'esse meis, qui nois | tamo. || S'aperpare, rapaziad(sic) !... arrecebam o | bixo cumo déve sê!. Ovo gôro, tanto baj[e]. | afia o bico pra assubio!... || Morra o rataião! || Morra o barandão! || Morra os ingrocéro! || Morra os calunga! || Viva o Reis Sibirino! || Viva seu pipio Jambréra! || Viva seu A (sic) gusto França! || Viva seu Zeca leite! || *Coroné Capa Bóde*

---

<sup>73</sup> Recado avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.



Coluna: <b>Recado (Sem coluna definida)</b> <sup>74</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 4º domingo de setembro/ anno II / nº 40 (5)</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Ao Povaião** || Pra sumana qui vem bota as unha im | terra o mais maió rataião qui tem dado | aqui nas berada do Brazi e qui grelou | nessa Pruvíncia pra infria da gente | babeira. || pruvia da casta desse anicéto sé mun- | to apurada foi qu'eu comprei elle a seu, | Zé Corajudo pur um conto de reis e | mandei pur o memo seu Zé levá esse | tá pras puzição da Pruvíncia do Parizo; | e cumo esse bitelo ganhou lá muntas | merdaias de plémio<sup>75</sup>, pur a suprioudade da | taludêza, im ménage desse siguinte, pra | sumana a bixinha da gente dá fora nes- | as capitá iscrivida c'um chisto mémo | chistozo, tanto nas figura cumo nas lei- | tura. || Mais porem, vejon lá!... non trantejo, | não, pruke o bitélo pode pocá a corren- | te da mão de seu Zé e fazê uã istrovenga | aqui dento desse municipo.

---

<sup>74</sup> Recado avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.

<sup>75</sup> Pode ser avaliado como um caso de hiper correção.



INT 055

Coluna: <b>Taco dos apidido</b>	Data/Edição: <b>1900/ 4º domingo de setembro/ anno II / nº 40 (6)</b>
Gênero: <b>Bilhete</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Taco dos apidido** || *Ao Incelentismo Sinhon Dotou Cherje* (sic) | *Maiorá dos Puliça* || Deus vos guarde a Voss, Incelença. || Acabemo de sabê a nutiça qui o mai- | vado do mizarave *papa-mé* ainda tem im | seu sriviço d'ele cinco criminózo cum | sentença da pinitenciara qu inté (sic) se nsabe | a cércónferença quadrada im qui tá es- | ses suplicante: treis tá im Sant, Istevo | e dois tá no palácio [ilegível] Areia do pardo | Voss1 Incelença já me comprende? nas | Parméra.



Coluna: <b>Carta (Sem coluna definida)</b> <sup>76</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 1º domingo de outubro/ ano II / nº 40 – repetição de número pelo impressor (1)</b>
Gênero: <b>Carta</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Carta d’um rocêro** || Ranpanpão das Arcanca 2 de | Fevereiro de 1900.  
 || A mió saude li dezego a va- | mincê e a sua inceletissima familia | nos  
 pudê de sua sinhora. || Vou pru mêio deças duas reguas | merecê de vamicê  
 um favou de me | botisá uma criancinha quando | nacê, apois ispero qui  
 pulas contas | quem faço mais a muié sê na luma (sic) | cheia de pascoa; e  
 vamincê mais | a fila de cumpade Pifane é quem | arrepresentá a sinha  
 Ortila da bêra | da maiada || Sua cumade qui vai sê ai, ai, | tem tado munto  
 dizacomodada pru | via do cauzo de tê cumido carirú | cum moio d’aio e  
 angú de mio vre- | meio; tomou um gusmitoro de | papaconha qui  
 dizapregou la n’ela | uma corrença e uma jaculadora | pru riba qui é um  
 deus nus acu- | da, a pobe da muiè e da cama | prou bacilo é<sup>77</sup> do bacilo  
 pra cama. | falando cum poco incino, adispoi | qui o véio Milijido rezou  
 ela foi | qui amiorou um tiquinho. || Muntas lembransa a tudo e mun- | to  
 arricumendação a sua sinhóra | qui ai de sê minha cumade e já | ia me  
 isquecendo qui sua Cumade | é munto cirimonhenta, mais lipidi | pra si fou  
 fio maxo botá o nome | de Gerome Acibispo ou alias si | fou fia féma bote  
 Ancerma Bispa | da Quintuara, apois ela tem munta | vontade de tê um tio  
 crouado. || Do seu cumpade qui futuriza. | *Pilidoro dos Anjos*

<sup>76</sup> Carta Sem coluna definida. Não faz parte de uma coluna frequente.

<sup>77</sup> Não é erro de edição, pois está como no original o conectivo *e* grafado com acento.



Coluna: <b>Bilhete (Sem coluna definida)</b> <sup>78</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 1º domingo de outubro/ ano II / nº 40 – repetição de número pelo impressor (2)</b>
Gênero: <b>Bilhete</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Cumpade Capa Bode** || *Cidade do Frumiguêro*. || Lh'arripito: si non prestá bote | fora Isturdia arreventou puro aqui | uã cumeção de aletrados arreba | nhando o povaião todo prou arri- | cibimento do papa-mé, tão pagan- | do inté homes e muié pra i; os | home tem mais maió quontia e | as muié mais meno. || Nois tudo vai; mais . meu cum- | pade, tamos cum mêdo d'arguã | aua xuja prou dia d'arrecebição | do tá arricibimento. || Mais essa: nas costa do come- | ção, vinéro logo os cumeçaro d'um | marôto comprando todos os tocinho | prou ratão e os calunga cunvida- | do *do* forrobodó da chegada do tá | ratão isfamiado. || N'esse cunsiguiente nois iscondemo os tocinho e as lingüiça pra | mode non crecê as vista do tá ratão | e do lotada d'elle, qu'eram bem | capais d'arreventá pur aqui pra ma- | tá a fome de dicumê. || *Da sua cumade*. || *Frumiga*

---

<sup>78</sup> Bilhete avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.



INT 058

Coluna: <b>Camarinha das visita</b>	Data/Edição: <b>1900/ 3º domingo de outubro/ anno II / nº 43 (1)</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Camarinha das visita** || Mandaro pra gente essas foia: || *O Futuro* da Villa Nova. || *Obrazi* da capella Sizipe. || *A Tribuna* da Areia || *O Bem-ti-vi* da capella de sant' | Antonho. || *O Povo* de Maçaió || *O Rato* da capella de Sant'na- | tonho. || *O Prilampo* da Sant'Antonho | de Jizuis. || *O Cortamão* do mémo lugá || *O Palino* do Juazêro || *A Penna* da villa nova || *O Diabrête* das Bica-Mina || *O Laguiense*-(sic)de Laguinha. || *A gaiofa*-das Bica-Mina || *O Tunumista* da Cidade de Casto | Arve || *A Verdade* do mémo lugá arri- | ba || *O Porguêsso* da Fêra de Santa | Anna. || Nois tem sempe arrimittido a | bixinha da gente pra barganhá | cum essas paricêra arrifirida.



Coluna: <b>Carta (Sem coluna definida)</b> <sup>79</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 3º domingo de outubro/ ano II / nº 43 (2)</b>
Gênero: <b>Carta</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Respondença da Roça** || Mata fome, dia de Sant'iria, 3ª | duminga do  
meis da descubri- | dura da d'Amerca. || Inlustricio Seu Coroné-Capa Bo-  
| de. || Vou contá a Sua Siuria o arres- | tante da histora, inhor, sim. || Ora  
munto bem, cuma eu ia | dizendo a voincê: farta dizê das | munta coiza qui  
o papé non chega, | mais o véio é o démo. || O Reis Sivi qui s'agunte, pru-  
| que elle qué s'outra veis alaimá | estas bêrada. || As gente d'elle ispaia  
qui elle | é o maiorá da pulitrica, qui o Reis | Campo Salle deu a elle astrada  
| vapou de Juazéro e qui elle | comprou os capou qui navega rio | arriba.  
Nois ca já soubemo tudo, | apois a *Foia* da Vossa Siuria já | dixe cuma elle  
feis a cuja ingri- | miença c'us coconé da pruinça | qui elle isgragatou e  
ispatou cus | parente, lá d'elle, se discuipando | ca mocaquéra de fazê a  
ponte da | caza do pai d'elle, cus açude dos | irimão, qui ninguem nunca  
viu | im béra d'um rio d'aua mió do | mundo pra se bebê carecê d'açude: |  
pru isso, meu Coroné, todos elle | s'inricaro cus conconé da coitada |  
Pruvinça; e us qui non inricaro | cá im riba decêro pra baxo pra se | inricá  
lá na capitá véia. || Odispois, na vorta qui vortaro, | viéro tudo lorde qui  
nem uns fi- | daigo: só ispaiando as grandêza. | as ricaria, os palço, as  
ourama. | as prataria eos mile conto do sur- | do cujo Papa-mé. || Tombem  
andaro bocando qui os | ingrei mandaró chamá o cujo | papa-mé pra mode  
cumchavá cú | maivado *mitre caimbo*, pra pudê | sê o reis do Brazi cas  
c'roa do | véio Imperadou. Qui Deus lhe cun- | ceda o rêno da grora. ||  
Sinhô Bom Jizuis da Lapa qui | nos live a gente! || Antonce era quondo  
nois havéra | do sé vindido pras istranja cumo | nego cativo. || Inté sempre  
seu Coroné || Seu vaquêro || *Chicão Catingéuro*.

<sup>79</sup>Carta Sem coluna definida. Não faz parte de uma coluna frequente



Coluna: <b>Carta aberta</b>	Data/Edição: <b>1900/ 4º domingo de outubro/ ano II / nº 44 (1)</b>
Gênero: <b>Carta</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Carta abrida** || *Seu dotou Rodrigão* || Tou c'ũa sodade das iscrivinhação de | vosiuria nas foia<sup>80</sup>, qui voicê mémo nem | avalua! | O qui foi isso assim? voincê acabou | a sua saberença? ou foi prueque voincê | cantou bem mais porem non intuou o | tom? Apois tou ibabacado do juizo im | vê cumo vosiuria non acabou de cuzi- | nhá o feijão inté fic[corroído]á mole! || Diacho leve um homé qui non aguen- | ta quato facada num brocoótó só!... || Mais, seu dotó Rudrigão, agora qui | t'ahi *o benemerto de Sant'Istevo* sendo *per-* | *ciguido* por a *farrupia audais da Bahia!*<sup>81</sup> | agora qui o seu *patrão véio* já ta fican- | do distraviado do juizo, pruvia dos assu- | bio qui dá a canaia quond'elle saí, dos | nome ruim qui botaro n'elle, da im- | pada de rato qui arrecebeu e pra vê | os camarado [ilegível] ta tudo se bardiano | noutas aua! agora qu'elle carece mais | dos srviço de voincê, qui é sò quem | pode sarvá o pobe do cunsiêiro papa- | mé! || Seu doutou a vó-siuria tem sido mun- | to disingrato!... | Isso non é sê amigo de seu amigo!... || Venha, seu dotou Barandão, ficá na | béra de quem l'alavantou a cabeça... | dexe seus ingenho e seus lambique, qui | tem quem tome conta... non s'iscafê- | da da [ilegível] tarefa que seu sarva- | dou lhe deu... || Eu achava bom e lhe digo esse dizê | prueque gosto de vo-siuria e tombem | do papá-mé, era qui voincê fazêsse um | inventaro d'elle, ainda mais ispilicado | nas conta de que aquelle de vo'siuria, | os gurgumio do povaião, qu'inté já | ton cás oiça céga de tanto vê: *pega o ra-* | *tão*..[ilegível] *o ratão*, de vê tanto rato de | burracha assubiando pur os arruado da | cidade e de vê tanto nome cabilludo | nas foia! || E' uã coiza qui non lhe custa nada, | prueque o Diaro tá hi prá apibricá tudo | o qui vo-siuria querê dizê im favou do | prupiataro d'elle; só non caia na boba- | ge é de fallaá bem do *generalismo*

<sup>80</sup> Percebe-se que outra pessoa também escrevia para o folhetim.

<sup>81</sup> Frequentemente há erros que podem ser atribuídos à tipografia, como fechar parenteses sem os abrir.

dos *capa-* | *bode* ou d'arguem dos *capa-bode*, praque | o papa-mé é bem capais de brigá cum | voincê, apezá de que entre vo-siuria e | o *papa-mé* non pode havê nave, praque | si se disarmá arapuca tanto um cumo | outo ta n'armadia; e pur isso elle vêve | cum pavou de vo-siuria e voincê cu | oio elle. || Diz o ditado dos antigo qui dois ca- | cunda non drôme nuã rede d'um pan- | no<sup>82</sup>. || Ora munto bem Agora dexémo os | negoço de seu *patrão véio* e vomo isbi- | biutá os seu. || O povaião da Bahia, seu dotou, e | o persuá de povo da lingua de taman- | [*duá*] qu'eu já vi!... Nem pru vo-siuria, | non tem dois meis, té botado no In- | ventaro inté as briantaria!... Apois an- | da bocave qui no seu inventaro, qua | vo-siuria feis, s'isqueceu de fallá nos | noventa conto gragatiado na trimamo- | a do papé sellado; sisqueceu dos sêis | o[u]to arrecibido pura infromação do | oitto; sisqueceu dos quorenta conto gra- | [g]atiado pru duas licença farsa das Arêa | do Prado; sisqueceu de dizê quonto | pissue im titros ao portadou; s'isqueceu | do que gragatiou na *mina* das Uzina; | e s'isqueceu dos burro pistindo e tria- | do vendido pru préção prous Canudo- || Seu dotou, venha, pru No Sinhora, | cum dicumentos desminti esses *disfamadou* | *da* [ilegível] [ilegível]! Eu l'agaranto qui o *Dia-* | *ro* lhe dá a premêra custanêra cum se- | paração nas linha, || E' verdade!... Seu dotou, duã caluna | ning ||uem s'apracata!... || Eu lh1ispero no *Diaro*. || *Coroné Zé Perêra Capa Bode*

---

<sup>82</sup> Separação de consoantes geminadas. Indício culto.

INT 061

Coluna: <b>Sem coluna definida</b>	Data/Edição: <b>1900/ 4º domingo de outubro/ anno II / nº 44 (2)</b> <sup>83</sup>
Gênero: <b>Casos</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Cauzos** || E teve nos istudo...! || O papa-mé quondo agora teve no Pa- | rizo so andava impariado c'um *interpe* | pruvia de non sabê intrá no traviá da | lingua dos franceis; antonce chegando | a'um *restorante* chamado *Indo Hollaudaiz*, | qui se purnuncia la na lingua dos fran- | ceis *Indo Hollandé*, elle priguntou ó | interpe purnunciando cumo tava iscri- | vido na tabulêta da porta: || Sinhou qui significa *Indo Hollandiaiz?* | Um tofulo qui tava ahi iscutando as | esnéra de papa-mé, passou pru a bêro | delle e dixeu: Significa caza de pasta | pr'animais. || Non sei cumo elle tombem non viu | pur lá o interro de [ilegível] *je ne ze pá* || E teve nos istudo!... || *Xico Giringonça*

---

<sup>83</sup> Interessante notar a visão de pronúncia do roceiro sobre outra língua. Noção de norma culta falada em outra língua.



INT 062

Coluna: <b>Camarinha das visita</b>	Data/Edição: <b>1900/ 4º domingo de outubro/ anno II / nº 44 (3)</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Camarinha das visita** || Arrecebemo os numbro 2 e 3 do *Arbo | de leitura, arte e siença* da Companhia In- | ducadêra, qui assigura a vida do supi- | licante odispoi qui istica os custéla. || O ta *Arbu* e uã coiza e outra: trais | pintado um lote de figura das istranja | e muntas histora ingraçada. || A Inducadêra é a premêra. (sic) prueque | pissue munta gente na corda (bem in- | tindido, assegurado) e é a qui tem pa- | gado mais morte, apois im 10 anno | pagou pra mais de mile conto, e pegou | ou assegurou pra mais de 50 mile conto. || Que a nois ufreceu o subridito cujo | *Arbu* foi o argente aqui dessa Pruvinça, | seu Bernado Muntêro. || Nó Sinhou lhe pague.



Coluna: <b>Carta (Sem coluna definida)</b> <sup>84</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 4º domingo de outubro/ ano II / nº 44 (4)</b>
Gênero: <b>Carta</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Respondença da Roça** || Lustrismo Seu Coroné | Zé Perêra Capa Bode || Lhe desejo-lhe<sup>85</sup> qui essa vá topá | Vo-Siuria de prêfeita saude, apois | é o qui desejo dos inтриou de mi- | nh'aima. || Minha famia vai cum deus Nó | Sinhou na graça de todo los Santo. || Passando d'um porlo a esse misféro, ta im fim e édiceta e ta, qué- | ro qui Vo Siuria me dê-me<sup>86</sup> a mim | ispilicação arrispitivo a distravia- | ção d'um bode munto cunhido | na pavuação da Carçada da istrada | do vapou de terra dos ingreis, | dento da capitá, qui acode, o tá | bode, pru Filipe, Filipe, apois o | dito cujo bode já tava ton aquili- | matado nessa cerconferença qua- | drada arrifirida. || Non cuide voincê, seu Coroné, | qui é pru má qu'eu tou isbiutando, | não, prueque um muricêgo de treis | taco de ouro no praço tomou | imprestado o dito cujo bode nas | mão do prupiataro d'elle, pru man- | dado do papa-mé, pra levá pra | cavalaria mode tirá raça e inté a | data d'hoje, qui nois tomo, a gente | non sabe o rumo qui tomou o dito | cujo bode. || Mais porem, passando Bilizaro, | vaquêro do cumpade Cápitão Ti- | mote, dento da Fazenda San'Is- | teco viu o dito bode, inhor, sim, | no meio do lote. || Pode, seu Coroné, pruguntá a | quorqué pessóa d'aquellas bêrada | qui dará infromação. || Eu só sei, meu amo, é qui o dono | d'elle ta sem o cujo, e nois tomo | sintindo a farta do pai de chiquêro. || Voincê dê lembança a todos e | Deus No Sinhou lhe dê réno da | grora, véio dos inтриou da minh'ai- | ma. || Seu leitou véio.<sup>87</sup> || Ormindo, fio de SanT'Istevo. | Calafate do Capitão Timote. | Oie bem. || Não inore os erro prueque eu | ainda tou munto lanzudo nesse | traviá.

<sup>84</sup>Carta Sem coluna definida. Não faz parte de uma coluna frequente

<sup>85</sup> Duplo clítico.

<sup>86</sup> Idem.

<sup>87</sup> A resposta do interlocutor, o redator, vem imediatamente em seguida.



INT 064

Coluna: <b>Bilhete (Sem coluna definida)</b> <sup>88</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 1º domingo de novembro/ anno II / nº 45 (1)</b> <sup>89</sup>
Gênero: <b>Bilhete</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

Ao meu amigo Alindro Fogôzo || Dou-lhe uã... *porca* d'amizade pru mais um | anno qui feis sua *bandeja de doce*, e rogo a Deus | No Sinhou qui lhe dê muntos pra meu regalo *cumo* | *amigo* e seu. || *O Consu Saigado*.

---

<sup>88</sup> Bilhete avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.

<sup>89</sup> Texto em posição invertida na diagramação do jornal (deitado).



INT 065

Coluna: <b>Bilhete (Sem coluna definida)</b> <sup>90</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 1º domingo de novembro/ anno II / nº 45 (2)</b> <sup>91</sup>
Gênero: <b>Bilhete</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

O'(sic) Reis papa-mé || (Nosso Maiorá) || Arreceba (qui é de coração) os parabem da gente | de cá pur o grande dia de 30 d'Oitubo, dia qui feis | mais um anno qui Sua Magistade Ratazana foi pa- | rido pr'agaranti a *indruista dos cavalêro*. || *O povaião de Farnando | de Noronha*

<sup>90</sup> Bilhete avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.

<sup>91</sup> Texto em posição invertida na diagramação do jornal (deitado).



INT 066

Coluna: <b>Ao Povaião</b>	Data/Edição: <b>1900/ 1º domingo de novembro/ anno II / nº 45 (3)</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Ao Povaião** || Pra sumana a Foia im veis | de sahi no sabo sai na tēja-fêra<sup>92</sup>, | dessa qui vem a oito, pru sê o | dia 13 de Novembro, qui fais um | anno qui o mizarave Papa-mé | mandou quemá a pórva no dis- | tirtó do cumerço pra mode botá | a vara da Cambra na mão do | *baiba de Juda*. || Antonce arrispitivo a bitola | d'ella é dois dobro, pru duas | nica. || A figura arreprezenta o negoço | do cumeta e das inleição. || E' duas nica, mais porem vale | cinco

---

<sup>92</sup> Observar a marcação de futuro (presente do indicativo + substantivo que expressa tempo).



Coluna: <b>Bilhete (Sem coluna definida)</b> <sup>93</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 1º domingo de novembro/ anno II / nº 45 (4)</b>
Gênero: <b>Bilhete</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Respondença da Roça || Buquérão do Rio Prêto || Dia de Son Vi**[ilegível] || Seu Coroné || Arricibi pru Dotou Marianio qui véio | no vapou d’aua e trouve o imbruinho | das *Foia dos Rocêro* c’us papezinho ins- | crivido arrispitivo a vaiaçãõ qui o po- | vaiãõ da capitá fizêro notá Papa-mé | quondo dizapiou do vapou. Dixe Dotou | Marianio qui os cunvidado corrêro e o | véinho ficou sozinho, todo lambuzado de | poiquêra. || Mais porem prueque non gaiòralo o | ratãõ? Nois ficava mais assuegado | d’elle, e elle non mandava agora o | surto cujo Dotou marianio pra fazê as | inleiçãõ, prueque vai s’arriuni já a ca- | braiada dos jagunço arrebanhando tudo | im Sant’Inaçõ, pruvia d’acommetê os | lugá das gente do Reis Sivi, cujo dito | Reis vai sê arritirado da vara pur o tá | papa-mé quondo fou intimado pra arre- | cebê as c’rõa do véio tinado Ampéradou | qui Deus lhe dê o réno da gróra. Antonce | iss’é verdadêro, seu Coroné? Promita | o Bom Jizus qui o surto cujo Papa-mé | non arme arguà arapuca das maivadéza, | e non dê argum *copo d’aua* ao reis Si- | vi cuma deu ao ...cano Ramanse o cujo dis- | cunfiou e non porvou, mais um dizinfiliz | parente d’elle mémo Papa-mé imbocou | na mesma orinha, garrou o cujo copo e | virou todinho!... foi *pa pi* !... na ora de | Deus! cahiu cuma jaca. Dixêro qui as | fazenda d’elle tá cheia de póiva e bala | e as iscupêta dos Canudo qui vinhéro | os bando. Meu Coroné, oncê diga tudo | isso tudo ao nosso reis Sivi, pruvia tudo | isso tudo ao nosso Reis Sivi, pruvia d’- | elle aprontá suas tropa pra nos valê. O | Tonhá foi alumiado chefre das inleiçãõ | das berada do rio, e antonce nois tudo | subémo qu’elle é home, meu sinhou, | pra sugigá o Papa-mé, prueque elle já | teve cu’elle e já sabe das manha do | animá véiáco. Inté prá sumana. || As orde de vossa mercê seu vaquéro. || *Chicão Catinguêro*

<sup>93</sup> Bilhete avulso. Não faz parte de uma coluna frequente.



INT 068

Coluna: <b>Sem coluna definida</b>	Data/Edição: <b>1900/ 1º domingo de novembro/ anno II / nº 45 (5)</b>
Gênero: <b>Casos</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Cauzos** || Ah! qui moço corajudo...! || Seu mané Gonçarve Maia Biténcuri. | chegando na capitá, im cumpanhia [ilegível] | seu Zé Caiado Novai e Capitão Chico | Araujo imbocou no buraco do Papa mé. | antonce nesse cumémo vem o dito cujo | Papa-mé arrecebê o arrifirido seu Mané | “prigunta” Eu non m’alembo dêrêto | do sinhou, cum quem tou fallando?  
<sup>1</sup> Arrispilicou elle n’esse cunsuante, Eu | sou uã das vitima de voss’incelença no | Ca[ilegível]” Arresponde o Papa-mé:” E | eu sou hoje uã vitima de todos os si- | nhou. || Carece tê coraje!...



Coluna: <b>Carta (Sem coluna definida)</b> <sup>94</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 2º domingo de novembro/ anno II / nº 46 (1)</b>
Gênero: <b>Carta</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Respondença de fora** || Son Bastião do Passe', 25 de Outubro de 1900 ||  
 Inlustrismo Sinhrou coroné Capa-bode, || Pra tê lido no Cruçaro do Papat-  
 mé | qui s'apurou nesses meis o partido | capa-bode, qui tem caricimento  
 de gente | pras inleição e outas livuzia, apurveito | a viagem de meu  
 cumpade Pêdo Moni[es], | qui é sugeito grenado e capais de tirá | o couro  
 do mais pintado, cuma agora | mémo feis cu iá Carro Burrumeu, pras | pidi  
 a V. S. qui m'arranje a vara de cum- | mandante deste arraiá, praque o ci-  
 | garro Joca Manceno non presta pras | coiza qui si carecê fazê n'essa  
 pavua- | ção. Arrifugando a preposta no traviá de | me vingá de um  
 subridito cujo qui tem | o astrivimento de bisbiutá nas coiza de | minha  
 turidade mandando fazê furê[ilegível] | nho de mim nas foia a seu Pipio  
 jam- | brêra. || Se só sinhuria m'arranjá a vara, pode | mandá logo a  
 luminação pur o portadou, | qu'eu fico munto agardicido a vó sinhu- | ria;  
 || Deste seu criado || *Mané Cirico* || P. S. Voincê veja s'arranja metê na |  
 lumiação pra meus guarda-costa do | Duardinho Macinêro, e o Xico  
 fazêdêro | de bulaxa mata-fome. || *Mané outa veis.*

---

<sup>94</sup> Carta Sem coluna definida. Não faz parte de uma coluna frequente.



Coluna: <b>Sem coluna definida</b>	Data/Edição: <b>1900/ 2º domingo de novembro/ ano II / nº 46 (2)</b>
Gênero: <b>Bilhete</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Biete Abrido** || Amigo Oicade || Tenho apreciado os teu *Tic do Dia*: o | *das Peta*; sim, sinhou tu dá mémo pra | iscrevedou de foia, e tico isbabacado | im tu só tê dado pur essa tua quolidade | duns dia pra cá! Apois, Oicade, inté | [f]ais pena tá se perdendo um pá d'ureia | cuma as tua! Eu l'agaranto, Oicade, qui | tu s'assinasse teu nome – Arvim Oicade | im veis de *Tc o Jorná do Cummerço* | ou *A Imprensa* mandava, im riba do | rasto, te chamá; e se tu tivesse discu- | brido a tua véia d'iscrevedou no tempo | qui o linado *Ingrossa*, qui tinha n'A *Im-* | prensa, ainda sêsse vivo, seu Ri Brabosa | te botava cumo *iscrevedou das graças*, | e ahi antonce... o *Ingrossa* non tinha | d'isprito, e tu podia ingroça o *Ingresso* | cumo tem feito cú *Tic* || E' pur isso qu'eu sempe digo e torno | a dizê: Oicade é um aborto... foi parido | de cinco meis, ou antonce rinchou na | barriga de mãi la delle. || A préposto, aquelle livrinho teu, qui | tu iscrivinhou arrispitivo as guerra dos | Canudo, é um livo de ouro, é ton *bem* | *iscrividinho*, tanto nas grammatia cumo | edicêta nos *verdade* qui digo qui é um | *abrão!* devêra ganhá uã merdaia de ouro | na cadimia do laigo 2 de Juio; tanto | qu'eu mandei botá no teu *parto* uã capa | de couro de camelo e guardei impa- | riado c'as puinzia de Mané Folou; non | tistamague qu'isso, não, apois essa tem- | ção non é pru má, não, é praque eu | quero qui todo mundo qui oie pra mi- | nha bribioteca dê logo cus oio im riba | dos dois instremo – Arvim Oicade e Mané | Folou - || Agora vou te dá um cunseio cumo | amigo, camarada e paricêro *iscrevedou* | *de foia*. || Nos teus *Tic* tem uã *Tacada* qui non | e da leis; é tu taxá aquella pessoa de | Vidigá; pricure sempe uns *Tic* qui te- | nha sá, mais porém alavantá farso e | arrebaça injura, non é de quem qué sê | bem inducado. || Oie: im caza de infoicado non se falla | in foica, e tu falando im Vidgá vai | buli cu teu camarado e paricêro iscre- | vedou de foia Alindro Fogozo. || Tu meu ingroceiro de bobage, pode | lambê a poiquêra dos sapato do teu si- | nhou *ratão* sem

caricê buli cuã coiza | qui tu non pode buli: premêro, praque | é uã caluna  
tua mais do tua trempe e | sigundo, praque tu tem pai e mãi. || Do teu amigo  
|| *Coroné Capa-bode*

INT 071

Coluna: <b>Ao Povaião</b>	Data/Edição: <b>1900/ 3º domingo de novembro/ anno II / nº 47 (1)</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Ao Povaião** || Pruvia dos interesse da gente | a Foia agora im veis de sahi no | sabo, sahi todos dia de dumingo.<sup>95</sup>|| Outa coiza: no fim de cada | meis e nos dia grande tem um | numbro de dois dobro pro duas | nica.

---

<sup>95</sup> Novamente marcação de futuro não-canônica.



Coluna: <b>Carta (Sem coluna definida)</b> <sup>96</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 3º domingo de novembro/ anno II / nº 47 (2)</b>
Gênero: <b>Carta</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Carta** || *Mina do Rio de Conta 5 d’Outubro de 1900 | seu Coroné Capa Bode* || Munto dezejo sua saude de voicê; | eu e a véia vomo bem sem mérrma. Vou | lhe dizê munto ligêro a sua siuria uã | coiza, praque o Frugenço qué tampá | a mala já, mais porém pra sumana lhis- | crevo munta coiza. Apareceu aqui um | taliano pru nome Lelo Firidiano dizen- | do qui o Papa-mé foi bem arrecibido | e tanto monte qu’elle amostrava o *Diaro | das Nutiça* pra se vê; mais meu cumpade | Xico dixê qu’era histora e qu’elle tinha | iscundido o *Joná das Nutiça* e *A Bahia* | pra mode não se vê a mintira qu’elle | contou a nois. || O tale taliano cafangou divéra, dizendo: | povo, non tenha pavou qui o véio | Papa-mé tá na ponta. O arame dos ta- | leguetá arengando cumo o diacho, hon- | te véio um prou véio Canajura dizendo | n’esse cunsuante: || “*Dr. Tanajura*. || Bahia, 4 de Outubro de 1900. || Cheguei. Policia provocou dezordens | empanar brilho recepção. || Vianna. || Meu Coroné, pode crêá nisso, praque | eu vi e pode pruguntá a um moço qui | tem aqui [ilegível] | lhe conta cuma foi. || Discurpe as preça qui o xucaio da | curreio tá bradande. Pra sumana vai | obra cum favou de Deus e da Vige | Maria. || O soli aqui tá grenado. || Disponha do seu criado || *Zé Pata Tonta*.

---

<sup>96</sup>Carta Sem coluna definida. Não faz parte de uma coluna frequente.



Coluna: <b>Carta (Sem coluna definida)</b> <sup>97</sup>	Data/Edição: <b>1900/ 4º domingo de novembro/ anno II / nº 48 (1)</b>
Gênero: <b>Carta</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Respondença de Fóra** || *São Bastião das Cabicêra de Passé* || Seu Coroné || L'arremeto um papé iscrivido | arrispitivo uã cunveça qu'eu vi | seu Gordião cunveçando cum seu | cumpade mané Ramo, nos cunsu- | ante dos negoço dess'arraiaí. | M. L. C. D. E. || Gordiao e Mané Ramo. || G. – Ou, cumpade, eu vi dizê qui | teve uã iscrivinhação na Foia da | gente subre São Bastião, quem | foi qui feis a tá poiquêra voincê | sabe? || R. –Home, me dixeró qui quem | mandou pra seu Coroné botá na | *Foia*, foi aquelle castiado grossaião | da *latra* laiga e qui tem uã chi- | culatêra qui nem canajura. || G- Pra fallá vredade, non sei | quem é esse tá, inhor, não. || R. – Oixem! antonce voincê non | cunhece a gente do São Bastião? | E aquelle muleque iscupéTêro véio | qui tirou dinhéro pra fazê a festa | de São Bastião e gragatiou meio | pur o meio dos *coconé*. || G.- Ah! já sei; esse tá é de raça | gastuada; mais porem qué sê aivo | na cou a força || S. –Cui! cui! é esse mémo, qui | morre pra sê turidade dento de São | Bastião; agora mémo elle deu um | presente melado e tumou taboca, | tanto quondo elle vai passando pur | a rua a gente vai tudo se rindo. || G. – Cumpade Ramo, esse indi- | vido non é um qui vivia n'uãs tri- | mamoca de niguciação duns caval- | linho? || R.- e' esse mémo, qui acode | pru Lórenço Castriado, e qui foi | munto camarado do cujo Masca- | renha da Fêra. || -G. Home, eu vi uã cafungação | dizendo qu'elle ta cuà diva de 7 | conto a seu Botista da Capitá. || -R. E é á seu Botista só qu'elle | dirrubou? Seu Hanrique Ponte, qui | tem venda de miudeza na cidade, | tombem s'aquexa do cujo isc[u]petêro | Lourenço, tanto qu'elle diz qui o | ta Castriado é um veiação de | premêra. || G. Home, nesse cunsiguinte eu | vou cutucá a meu amo Xancho e | ó cumpade Miligido pra mode abri | o oio cu dito cujo. || R. Inhou, sim. Antonce inté um | dia desse. || G. Apareça pra sumana, pra nois

<sup>97</sup>Carta Sem coluna definida. Não faz parte de uma coluna frequente.

| cunveçá arrispitivo essa tranzação. || R. Ta infim e coiza, sinon havê |  
durva non hai quem póça duvidá, || (*Pra sumana vai o restante da cunveça*  
*dos dois cumpade*)

INT 074

Coluna: <b>Ao Povaião</b>	Data/Edição: <b>1900/ 4º domingo de novembro/ anno II / nº 48 (2)</b>
Gênero: <b>Recado</b>	Fonte: <b>Associação Baiana de Imprensa</b>

**Ao Povaião** || Pruvia dos interesse da gente || a Foia agora im veis de sahi no || sabo, sae todos dia de duminio. || Outa coiza: no fim de cada | meis e nos dia grande tem um | numbro de dois pru duas | nica.



## **SOBRE O AUTOR**



Luís Henrique Alves Gomes  
Professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal  
Baiano  
Mestre em Letras (UFBA) / Doutor em Língua e Cultura (UFBA)  
[luisdegomes@gmail.com](mailto:luisdegomes@gmail.com)



# OTRINHO

O REIS VEHINHO || Inté qu'afiná o povoião da  
Pru- | vinça da Bahia poude tumà um for- |  
g[O]zinho; apois o tá Reis Vehinho | qui tantas  
marvadura e tantos mar- | feito feis, já passou a  
vara pra mão | do tá Sibirino, e vai sahindo de  
ban- | da oiando pra trais, pras Oropa cumê |  
deitado o qui gragatiou os quato | anno qui a  
Mulata Véia lhe cahiu | nos gudanho, qui nem  
cachorro qui | furta um taco de prisunto e vai  
apri- | curá um lugá bem longe do dono, | pra  
mode papá seu sucegado. ||